



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**A INFLUÊNCIA DA EDUCAÇÃO RELIGIOSA
NO DESENVOLVIMENTO DA MORAL**

THAÍS ARAÚJO SANTOS

Brasília, 2013.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**A INFLUÊNCIA DA EDUCAÇÃO RELIGIOSA
NO DESENVOLVIMENTO DA MORAL**

THAÍS ARAÚJO SANTOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília – UnB como registro parcial para a obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia. Sob a orientação da Professora Doutora Teresa Cristina Siqueira Cerqueira.

Brasília, 2013.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**A INFLUÊNCIA DA EDUCAÇÃO RELIGIOSA
NO DESENVOLVIMENTO DA MORAL**

THAÍS ARAÚJO SANTOS

Comissão Examinadora:

Professora Teresa Cristina Siqueira Cerqueira (Orientadora)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Professora Inês Maria Marques Z. Pires de Almeida

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Professora Iglê Moura Paz Ribeiro

Instituto Superior de Educação Nossa Senhora de Fátima

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**A INFLUÊNCIA DA EDUCAÇÃO RELIGIOSA
NO DESENVOLVIMENTO DA MORAL**

THAÍS ARAÚJO SANTOS

Comissão Examinadora:

Professora Teresa Cristina Siqueira Cerqueira (Orientadora)

Professora Inês Maria Marques Z. Pires de Almeida

Professora Iglê Moura Paz Ribeiro

Aos meus pais José de Jesus e Maristela que sempre incentivam os meus estudos e acreditam no meu potencial e por principalmente, terem me dado uma família maravilhosa e uma educação exemplar.

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, a Deus. Por ser meu protetor, meu mantenedor e meu guia. Por ser meu amparo em todas as horas e por me impulsionar a alcançar os meus ideais e objetivos, sem jamais me abandonar.

Aos meus pais, pelo carinho e dedicação que tiveram comigo durante toda a minha vida e por sempre me orientar a fazer escolhas sábias para o meu futuro.

A minha família, por confiar e acreditar no meu potencial sempre me dando coragem para acreditar no meu potencial.

A minha professora orientadora por aceitar o convite de me orientar e confiar no meu trabalho, me incentivando, apoiando e me ajudando a realizar mais essa conquista em minha vida.

Ao Álvaro, meu grande amigo e namorado, por entender meus momentos de desespero e me amparar e por me ajudar a ser uma pessoa melhor a cada dia.

Às queridas Ana Luiza Fleury, Laila Junqueira, Elizabeth Lima, Cecília de Souza, Thalita Moreira e Ana Carolina Rezende, pelos momentos vividos e compartilhados nesses quatro anos de graduação, pelos apoios e pelas lembranças inesquecíveis que tivemos na universidade.

As minhas amigas Nathália Beatriz e Brenda Magari, minhas melhores amigas, por sempre me ampararem nos meus momentos de tristeza e me estimularem a não desistir dos meus sonhos.

E por fim a todos aqueles que não citei, mas que passaram pela minha vida e contribuíram para essa minha vitória.

A mais importante busca humana é esforçar-se pela moralidade em nossa ação. Nosso equilíbrio interno, inclusive da existência, depende disso. Somente a moralidade em nossas ações pode dar beleza e dignidade à vida. Fazer disso uma força viva e trazê-la para a consciência é talvez a tarefa principal da educação.

Albert Einstein

SANTOS, Thaís Araújo. **A influência da educação religiosa no desenvolvimento da moral**. Brasília – DF, Universidade de Brasília/ Faculdade de Educação (Trabalho Final de Curso), 2013.

RESUMO

O presente trabalho investiga a contribuição da educação religiosa para o desenvolvimento da moralidade em crianças de sete a nove anos de idade. Tendo como objetivos identificar as estratégias utilizadas na educação religiosa nesta faixa etária e verificar quais pessoas e instituições influenciam na construção dos valores morais nas crianças. Trás uma abordagem qualitativa de pesquisa com método descritivo interpretativo, na qual os instrumentos utilizados foram três roteiros de entrevistas semi-estruturadas juntamente com um roteiro de observação coletados no período de 8 de dezembro de 2012 a 5 de janeiro de 2013. As estratégias tiveram como objetivo o levantamento das práticas pedagógicas e sua relação com o conteúdo de educação religiosa e o desenvolvimento moral ministrado àquelas crianças. Participaram das entrevistas quatro crianças, quatro professores e quatro pais membros de uma igreja Cristã localizada em Brasília, Distrito Federal. Percebeu-se através das observações que a estratégia utilizada pela professora baseava-se na teoria comportamental, utilizando reforços e recompensas para a obtenção de aprendizagens das crianças. Nas entrevistas com as crianças, observou-se que elas gostavam da pedagogia lúdica baseada em jogos e prêmios, contudo não questionaram seu conteúdo além de considerarem importante estarem ali porque os pais e professores dizem ser importante. As respostas dos pais e dos professores foram parecidas, pois a maioria disse que a família, a escola e a igreja são instituições importantes na constituição de valores nas crianças desde que, juntas, instruem as crianças a viverem e se comportarem na sociedade em que vivem conforme as normas e valores da igreja.

Palavras – chave: família; criança; educação moral; educação religiosa; valores.

ABSTRACT

This research investigates if religious education contributes to the development of morality in children between seven and nine years old. It also aims to identify the strategies used in the religious education for children and see which people and institutions influence the construction of moral values in children. At its realization, it was decided to use a qualitative research approach with interpretive descriptive method, in which the instruments used were three scripts of semi-structured interviews with a observation script. The strategies had as objectives the survey of teaching practices and their relation to the content of moral and religious teaching given to those children. Participated in the interviews four children, four teachers and four parent members of a Christian church located in Brasilia, Distrito Federal. It was perceived through the observations that the strategy used by the teacher was based on behavioral theory, using reinforcements and rewards to obtain learning of children. In interviews with the children, it was noted that they like the ludic pedagogy based on games and rewards, however they did not question their contents besides considering that it is important to be there because parents and teachers say it is important. The answers of parents and teachers were similar, as most said that the family, school and church institutions are important in the formation of values in children, since together instruct children to live and behave in the society they live according to the norms and values of the church.

Keywords: family; child; moral education; religious teaching; values.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	6
RESUMO.....	8
ABSTRACT.....	9
SUMÁRIO.....	10
APRESENTAÇÃO.....	12
MEMORIAL.....	13
INTRODUÇÃO.....	17
CAPÍTULO 1.....	20
REFERENCIAL TEÓRICO.....	20
1. Educação Moral.....	20
1.1. Jean Piaget e a educação moral como desenvolvimento.....	22
1.2. Kohlberg e o juízo moral.....	26
1.3. Educação de Valores.....	28
CAPÍTULO 2.....	33
2. Educação Religiosa.....	33
CAPÍTULO 3.....	42
METODOLOGIA.....	42
3.1. Abordagem da pesquisa.....	42
3.2. O campo da pesquisa.....	44
3.3. Procedimento.....	46
3.3.1. Observações.....	46

3.3.2. Entrevistas.....	49
CAPÍTULO 4.....	51
ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	51
4.1. Análise das observações.....	51
4.2. Análise das entrevistas com as crianças.....	53
4.3. Análise das entrevistas com os professores.....	55
4.4. Análise das entrevistas com os pais.....	58
CAPÍTULO 5.....	62
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
PERSPECTIVAS FUTURAS.....	64
REFERÊNCIAS.....	65
APÊNDICES.....	67

APRESENTAÇÃO

Este é um Trabalho de Conclusão de Curso realizado sob a orientação da Professora Doutora Teresa Cristina Siqueira Cerqueira, apresentado à Universidade de Brasília para a obtenção do título de licenciada em Pedagogia. Está dividido em três partes: Memorial, Monografia e Perspectivas Profissionais.

Na primeira parte – Memorial – relato minha trajetória de vida, tanto escolar quanto familiar e religiosa, juntamente com minhas experiências durante meu percurso no curso de Pedagogia da Faculdade de Educação/ UnB e apresento aspectos profissionais como estagiária durante a graduação.

A segunda parte – Monografia – começa com a reflexão teórica acerca da educação moral e da educação religiosa, voltados especialmente para a infância, com conceitos de moral e como se dá o seu desenvolvimento além de conceitos sobre valores humanos. Em seguida, é apresentada a pesquisa realizada que buscou observar como a religião trata a questão de valores com as crianças e saber a opinião de adultos e crianças sobre esse assunto, por meio de entrevistas.

E por fim, a terceira parte – Perspectivas Profissionais – apresenta minhas aspirações profissionais e meus planos como pedagoga.

MEMORIAL

Em 21 de agosto de 1990, nascia uma menina linda e muito desejada pela família. Cabelos pretinhos, bochechinhas rosadas, olhinhos puxados, forte e saudável. Eu vinha ao mundo para completar minha família que até então era comandada por meninos, meus dois irmãos: Thiago e Diego. Embora tenha nascido em Brasília, sou filha da Maristela e do José, ambos nascidos em famílias simples no Maranhão, na cidade de Morros e São Luís. Resumidamente, toda a minha árvore genealógica está lá: meus avôs, minhas avós, tios, tias, primos e primas, tanto por parte de mãe quanto de pai, embora uma pequena parte tenha se dispersado para outras cidades, como Brasília e Rio de Janeiro, em busca de uma vida melhor o que justamente, aconteceu com os meus pais.

Meu pai desde pequeno lutou para conquistar tudo o que queira. Começou a trabalhar cedo para ajudar minha avó na quitanda, que era um comércio que vendia de tudo para alimentação e limpeza de casa, ia para a escola à tarde e a noite estudava. Quando ficou mais velho, decidiu ir para a capital, Brasília, com o objetivo de se formar em uma faculdade e passar em um concurso público. Todo o dia ia para a faculdade de manhã, trabalhava à tarde e estudava à noite para o concurso que queria. Com muito esforço e dedicação, ele conseguiu se graduar no curso de Administração e passou no concurso público. Ele sempre pensou que nesse emprego, estabilidade e segurança para a família era garantida, por isso incentivou, desde novos, seus filhos a fazerem o mesmo.

Após um ano dessa conquista, foi de férias para o Maranhão descansar. Como tinha alguns amigos em Morros, foi para lá e nesse mesmo período, conheceu minha mãe. Namoraram pouco tempo e logo ficaram noivos. Meus avós maternos, sempre muito religiosos, disseram que minha mãe só se casaria vestida inteiramente de branco, inclusive o buquê tinha de ser branco, pois essa cor mostra a pureza de uma garota. O casamento foi na igreja da cidade, com uma festa bem simples e bonita. Viajaram para a lua de mel e depois, vieram morar na capital. Meu pai, já estabilizado, incentivou minha mãe a estudar também para um concurso, e ela logo passou.

Após dois anos de casamento, o Thiago nasceu e depois de mais dois veio então, o Diego. Desde adolescente, minha mãe dizia que se tivesse uma filha mulher o nome dela seria Thaís, e assim o fez. Particularmente, eu amo o meu nome! Amo, pois o acho lindo por ser a

maneira como minha família e amigos me reconhecem e as outras pessoas me chamam. Ele é a minha chama!

Morávamos em Sobradinho, em uma casa espaçosa e bem bonita. Durante a semana, meus pais trabalhavam e meus irmãos iam para a escola enquanto minha tia Amelinha, irmã da minha mãe e a Madalena, a secretária do lar, cuidavam de mim. Aos domingos íamos à igreja pela manhã, bem vestidos, bonitos e cheirosos. Sempre chegávamos antes do começo da missa para poder sentar nas cadeiras à frente.

Quando completei a idade adequada, fui para a mesma escola dos meus irmãos chamada Instituto São José, em Sobradinho mesmo. Gostei muito de lá! Acordar cedo e ir à escola todos os dias era prazeroso! Tinha dias de piscina, de parquinho, de informática e ainda ficava com meus amigos. Aprender não era nada cansativo. Sinto saudades daquela escola.

Aos oito anos de idade, mudamos de casa e conseqüentemente de escola. Fui agora para a Alvorada, uma escola que me incentivou a gostar das artes. Lá tinha aulas de dança e artes plásticas, e eu sempre me dedicava a elas. Gostava muito também das festas que a escola proporcionava, em todas as apresentações eu estava no palco dançando com meus colegas. Depois dessa escola, resolvi pintar quadros, aprender a tocar teclado, fazer bijuteria e ultimamente, trabalho com maquiagem profissional. Tudo isso devido a minha vivência com as artes no Alvorada.

Nessa mesma época, meus pais decidiram que eu deveria fazer a primeira comunhão. Com isso, todos os domingos eu ia para as aulas na Paróquia Militar do Oratório do Soldado, no Setor Militar Urbano. Lá aprendi sobre os dez mandamentos, as principais orações, os sete sacramentos e algumas histórias da Bíblia, inclusive a Morte e Ressurreição de Jesus. Meus pais sempre foram católicos, mas não iam com frequência à igreja por isso, eu não entendia bem o motivo de estar ali, mas depois de um ano, completei minha primeira comunhão para a alegria de todos.

Depois, fui para a Escola Alvacir Vite Rossi, preparatória para o Colégio Militar de Brasília, conhecida por sua qualidade e disciplina. Como era muito rígida, acabei não me adequando muito bem à forma de ensino e minhas notas, conseqüentemente, caíram. Embora tivesse boas notas nunca fui aluna destaque, mas naquela escola virei uma aluna mediana. Passava de ano com notas médias e isso me desestimulou um pouco aos estudos, pois meu objetivo era apenas passar de ano independente da nota. Fiz amigos maravilhosos, minhas

grandes amigas até hoje Camila e a Bárbara, são dessa época. Nesse mesmo período, fiz a minha Crisma na Paróquia Nossa Senhora da Consolata na Asa Norte, onde gostei muito. As pessoas eram divertidas, as aulas produtivas e o espaço aconchegante. Esperava ansiosa aos domingos para ir à Crisma encontrar com meus amigos e conseqüentemente, aprender mais sobre a Bíblia. Depois, entrei no ensino médio e infelizmente, me distanciei da igreja pela falta de tempo.

Ingressei no ensino médio e fui então estudar no Leonardo da Vinci, uma escola rígida, mas boa em conteúdos e aprendizagem. Continuei com as notas medianas esforçando para melhorá-las, pois agora tinha outro objetivo: Passar na Universidade de Brasília. O último ano foi puxado e decisivo, mas todo o meu esforço valeu a pena ao consegui passar para o curso de Pedagogia pelo PAS. Confesso que essa opção de curso não havia passado pela minha cabeça até um professor me dar essa alternativa. Apesar de ter tias e primas Pedagogas, nunca fui influenciada pela minha família a escolher essa área. Pensei bem e como minhas notas tinham sido baixas nos anos anteriores, decidi optar por esse curso por ser mais parecido com o que realmente queria: o de Psicologia.

O primeiro semestre foi maravilhoso, o encantamento com as pessoas, os professores e o lugar me fizeram gostar muito da Pedagogia. No segundo semestre, as matérias foram ficando mais puxadas exigindo mais dedicação à aulas e leituras de textos diárias. Desde o começo, percebi que gostava de algumas áreas em que um pedagogo pode atuar, como pedagogia empresarial, infantil e também as áreas de música e representações sociais. Os projetos começaram a partir do terceiro semestre e as opções começaram a se afunilar. Fiz Projeto de Música, entretanto a corrente filosófica da professora não me interessou muito. Procurei um Projeto de Pedagogia Empresarial, mas não havia oferta para aquele semestre. Optei então pela Pedagogia Infantil, consegui um trabalho remunerado em uma escola particular e realmente gostei muito da área. Após, surgiu a oportunidade de trabalhar em uma empresa na área de pedagogia empresaria, fui então para lá e confirmei que também me interessava por essa opção. Como faltava apenas a experiência na área de representações sociais, decidi então me inscrever no projeto da professora Teresa Cristina S. Cerqueira, minha atual orientadora.

Fiz observação em uma escola pública para analisar a relação da família na educação das crianças. Percebi então, através das observações de alguns alunos e conversas com os mesmos, que muitos pais não eram presentes em suas vidas e muito menos, em seus estudos e

eram justamente essas crianças, que apresentavam um comportamento agressivo e desrespeitoso com os adultos. Conversei um pouco com os professores, e eles me disseram que esses alunos não tinham uma concepção muito forte de Deus em suas vidas. Lembrei-me então, da minha infância e da presença dos meus pais na minha educação tanto escolar, quanto religiosa, e me surgiu então, uma dúvida: Será que essa agressividade se dá pelo fato dessas crianças não terem boa base familiar como eu tive? Será que a religião influenciou alguma coisa nisso?

Minha família sempre foi religiosa apesar de não irem com frequência a igreja. Durante toda a minha existência, sempre gostei de conhecer novas coisas e viver novas experiências. Durante meu tempo como universitária, conheci pessoas de outras religiões e passei a me interessar no que estas pregavam. Visitei então, outras igrejas com doutrinas um pouco diferentes das que estava acostumada, mas sempre respeitei seus ensinamentos. Percebi então que todas as religiões cristãs pregam e crêem o mesmo princípio, e que não existe uma que é certa ou errada, pois todas constroem o caráter e a moral de uma pessoa.

No último semestre do curso, procurei novamente a professora Teresa Cristina para que ela fosse minha orientadora na monografia. Como já havia dito sempre me interessei em estudar as relações entre pais e filhos e da família com seus pequenos. E por ter tido outras experiências com diferentes religiões e seus ensinamentos, tive curiosidade e interesse em investigar sobre este assunto no meu Trabalho de Conclusão de Curso.

Portanto, escolhi esse tema por acreditar que meus princípios morais foram construídos, desde minha infância, por minha família e minha vivência cristã.

A seguir, apresento o segundo momento desde Trabalho de Conclusão de Curso, onde inicio o Trabalho Monográfico.

INTRODUÇÃO

A infância é uma das fases mais marcantes e importantes na vida de uma pessoa, pois é nela que são constituídos valores e é construído o desenvolvimento moral de um indivíduo através da orientação de adultos que vivem ao seu redor, transmitidos basicamente pela família, mas principalmente pelos pais (MARTINELLI, 1996).

A sociedade requer que todos os indivíduos tenham comportamentos e atitudes morais, criados através de erros e acerto, para que assim, vivam em harmonia. Um ser moral possui atitudes, pensamentos e comportamentos, que respeitem ao próximo e o permita viver em conformidade com sua comunidade. Os valores humanos são fundamentos morais e espirituais da consciência humana e contribuem para a formação da autonomia, personalidade e autoconhecimento de uma pessoa (MARTINELLI, 1996; MESQUITA, 2003).

Um dos métodos educacionais mais valiosos é a experiência pessoal, na qual a criança construirá suas ideias e seus valores ao vivenciá-los em família através do exemplo dos pais. A religião é uma dessas experiências. Pais que dão o exemplo religioso, certamente terão crianças religiosas e, conseqüentemente, com ações aliadas a sabedoria e aos valores humanos. A vivência dos valores fundamenta o caráter, e reflete-se na conduta como uma conquista espiritual da personalidade (MARTINELLI, 1996).

A questão motivadora deste trabalho foi provocada por um desejo da pesquisadora de contribuir para o desenvolvimento moral das crianças, pois percebeu que na sociedade atual a família tem se distanciado de seus filhos deixando a educação de valores entregue a um modelo de sociedade consumista na qual a religião não é, muitas vezes, incentivada e muito menos praticada.

Portanto a questão central é: Será que a educação religiosa contribui para o desenvolvimento moral da criança?

O trabalho tem ainda outras duas indagações: Quais as estratégias utilizadas na educação religiosa para incentivar a aprendizagem das crianças? Quem são as pessoas e/ou instituições que influenciam os valores morais nas crianças?

O presente trabalho está organizado em cinco capítulos. O primeiro capítulo trata sobre a educação moral, a forma como é inserida na vivência familiar e escolar das crianças e

como se dá o seu desenvolvimento de acordo com Piaget e Kohlberg. O capítulo aborda também outro fator importante da educação moral: a educação de valores, incluindo seus conceitos e enfoques conforme Bicudo, além de trazer outros autores para a realização do levantamento bibliográfico, como Puig, Noblat, Mesquita, Martinelli e Krüger. Optou-se por uma abordagem qualitativa de pesquisa com método descritivo interpretativo, na qual os instrumentos utilizados foram três roteiros de entrevistas semi-estruturadas juntamente com um roteiro de observação, focando interpretar as práticas pedagógicas, educação religiosa e moral com as crianças.

O segundo capítulo trata a respeito da educação religiosa e sua importância na infância, sua influência no convívio familiar e na sociedade, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, e também na igreja. Para tanto, foram utilizados Mileant, White, Martinelli, Mesquita como os principais autores para as fontes de dados.

O terceiro capítulo apresenta a abordagem da pesquisa, juntamente com a descrição do seu campo e seu procedimento.

O quarto capítulo traz a análise e a discussão dos dados observados e coletados durante pesquisa a partir do embasamento teórico adotado.

E no quinto e último capítulo, são expostas as considerações finais do trabalho.

Diante do exposto, os seguintes objetivos foram delineados:

Objetivo Geral: Investigar se a educação religiosa contribui para o desenvolvimento da moralidade em crianças de sete (7) a nove (9) anos de idade.

Objetivos Específicos:

- Identificar as estratégias utilizadas na educação religiosa para incentivar a aprendizagem das crianças;
- Verificar quais pessoas e instituições que influenciam na construção dos valores morais nas crianças.

A religião influencia o desenvolvimento da moral na criança. A família, juntamente com suas vivências religiosas, contribui para a formação na constituição de valores, comportamentos e atitudes morais na criança.

Justifica-se investigar sobre esta temática em função da necessidade de se construir na sociedade uma cultura de paz e, ao mesmo tempo, desenvolver nas crianças princípios morais para que se constituam em cidadãos dignos e responsáveis.

REFERÊNCIAL TEÓRICO

CAPÍTULO 1

1. Educação Moral

O ser humano é um ser eminentemente moral, pois toma decisões constantes em sua vida tendo a capacidade de perceber que elas recaem sobre ele e sobre os outros a sua volta (BICUDO, 1982).

Um ser moral não atua e nem pensa sozinho. A vida humana é uma vida social, na qual a decisão moral é tomada sempre por “um sujeito individual junto a outros sujeitos.” Portanto, a construção da moralidade de situa “entre”, não é nem totalmente individual e tão pouco totalmente influenciada pelas demais pessoas. A maneira como uma pessoa decide seguir sua vida é pessoal e social (PUIG, 1998, p.27).

Segundo Piaget (1996), para que as realidades morais se constituam é necessária uma disciplina normativa, e ela é construída através das relações entre os indivíduos. É nas relações entre a criança e o adulto ou entre ela e seus semelhantes que a levarão a tomar consciência do dever e colocar acima do seu eu essa realidade normativa na qual a moral consiste.

Puig (1998) concorda dizendo que refletir moralmente é uma tarefa pessoal e social que permite cada ser humano viver coletivamente. Educar moralmente significa ensinar cada sujeito a viver no seio de uma comunidade.

Para a criança ter sua autonomia e personalidade moral essa inter-relação precisa ser de respeito mútuo. O adulto, tendo uma relação de cooperação e respeito para com a criança, a levará a ter uma responsabilidade subjetiva fazendo com que ela o respeite por obediência, e não por coação ou submissão.

Segundo Piaget (1996) a criança, quando mais nova, aceita as decisões do adulto com mais facilidade. Contudo, após os sete e oito anos de idade, a vida social entre crianças

afirma-se e regulamenta-se cada vez mais e a partir daí, ela colocará a justiça acima da autoridade e a solidariedade acima da obediência.

Bicudo (1982) concorda com Piaget (1996) ao dizer que a resposta moral exige que o indivíduo se sinta livre para expressar o seu querer e a sua vontade. Isto significa que a escolha moral não pode ser coagida, não pode ser consequência do querer de outra pessoa.

Bicudo (1982) ressalta também que não se trata de excluir as causas externas do comportamento. Elas devem ser analisadas, conhecidas e apreendidas pelo indivíduo e não apenas interiorizadas. Agir de acordo com as regras, quando se as entendeu e se sabe por que foram aceitas, é expressão de uma escolha moral. Isto significa que a resposta moral exige o conhecimento das causas externas do comportamento, dos códigos morais vigentes no ambiente no qual se vive e que fazem parte da sua realidade. Exige o conhecimento dos usos, das crenças, dos costumes, das regras, dos padrões sociais; dos motivos internos que envolvem discriminação dos sentimentos experimentados (angústia, ansiedade, pesar, alegria, etc.) e das razões trazidas à consciência.

Ou seja, a resposta é a expressão de toda uma vida moralmente vivida. Não é fruto de uma aprendizagem de uma única situação de ensino e sim, de todas as experiências daquilo que cada indivíduo apreende na vida de maneira particular e conforme o grau de autoconhecimento da pessoa, essa experiência torna-se cada vez mais intensa.

A educação moral é essencial no processo de formação humana. Mais do que um espaço educativo, ela é uma formação que perpassa os âmbitos da educação e da personalidade. Em suma, a educação moral é o centro da educação por dar sentido e direção ao ser humano como um todo (PUIG, 1998).

Por isso, é válido dizer que é uma pessoa com princípios morais é aquela que antes de qualquer coisa, tem atitudes significativas para ela e para os outros. O mundo precisa de mais pessoas solidárias, cooperativas, leais, íntegras e que tenham, principalmente, amor ao próximo. Pessoas que tenham costumes apropriados para a construção de uma cultura de paz. Por esse fato, pais e professores devem cultivar nas crianças valores humanos adequados a fim de que elas contribuam para a construção de um mundo melhor.

1.1 Jean Piaget e a educação moral como desenvolvimento

Jean Piaget foi um dos representantes que mais se destacou em relação à concepção de educação moral cognitiva e evolutiva baseada no desenvolvimento do juízo moral. Para ele, se desejamos compreender alguma coisa a respeito da moral da criança convém começar nos jogos infantis, pois constituem admiráveis instituições sociais.

Toda moral consiste num sistema de regras, e a essência de toda moralidade deve ser procurada no respeito que o indivíduo adquire por essas regras (Piaget, 1994, p. 23).

A família tem uma grande influência na construção da moralidade na infância, pois é ela quem transmite conhecimentos e aprendizado para a criança aprender a viver em sociedade. Segundo Piaget (1994), as regras morais que a criança aprende a respeitar são transmitidas pela maioria dos adultos, ela as recebe já elaboradas e quase nunca elaboradas na medida das necessidades e interesse da criança, mas recebem de uma vez só através das gerações anteriores. Com isso, há uma grande dificuldade de analisar o que provém do conteúdo das regras e o que provém do respeito da criança pelos seus próprios pais.

A sociedade vive cercada de leis e regras, pois se não as houvesse, seria uma completa desordem. As pessoas fariam o que quisessem, na hora que quisessem e quando quisessem, e como os seres humanos possuem pensamentos diferentes, certamente o respeito ao próximo seria deixado em segundo plano. As crianças aprendem, desde pequenas, a seguir regras e fazer acordos principalmente com os adultos para que, quando mais velhos, saibam lidar com as diversas situações e dificuldades do mundo adulto. Isso faz com que elas criem um juízo moral subjetivo, pois como já foi dito, a moralidade do ser humano se dá através de suas próprias vivências.

Para Piaget (1994) nos jogos sociais mais simples as regras são elaboradas somente pelas crianças. Assim, não é julgado se a moral está ou não presente, e sim que elas podem respeitar as próprias regras, justamente por terem participado da elaboração do próprio jogo. A criança é influenciada pelos pais antes de brincar com as outras, pois desde o berço, já lhe é inserida diversas disciplinas e mesmo antes de falar, têm consciência de suas obrigações. Essa situação exerce grande influência na elaboração das regras do jogo, pelo fato de serem aceitas por todos, não sendo estas impostas por pessoas desconhecidas.

Quanto à prática das regras, quatro estágios podem ser distinguidos. O primeiro deles tem como característica de ser puramente motor e individual e ocorre em crianças de cinco e seis anos de idade. A criança manipula objetos em função de seus próprios desejos e hábitos motores com o objetivo de satisfazer suas fantasias simbólicas (PIAGET, 1994).

O segundo estágio, chamado de egocêntrico, começa quando a criança entre dois e cinco anos de idade recebe do exterior, regras já codificadas. As crianças jogam, sejam sozinhas ou em grupos, para si, sem procurar um vencedor. Deste modo, elas jogam consigo mesmas sem cuidar da codificação das regras (PIAGET, 1994).

O terceiro estágio, por volta dos sete ou oito anos de idade, é chamado de cooperação nascente. Nele, cada jogador procura vencer o outro, surgindo então à necessidade de controle mútuo e da unificação das regras. Mesmo assim, ainda há uma variação nas regras gerais do jogo. Quando se pede a um grupo de crianças de sete e oito anos para explicar as regras de um determinado jogo, mesmo que elas já tenham jogado inúmeras vezes, diferentes conceitos são dados. Nesse estágio a criança procura vencer observando as regras comuns. A diversão do jogo passa a ser social (PIAGET, 1932/1994 *apud* NOBLAT, 2006).

O último estágio, conhecido como codificação das regras, aparece entre os onze e doze anos de idade, no qual as regras do jogo são conhecidas com detalhes e o código das regras é conhecido por todos os integrantes. As crianças ditam as regras do jogo em comum consentimento (PIAGET, 1994).

A única diferença entre o terceiro e o quarto estágio é o grau. Os pequenos que estão no terceiro estágio não conhecem as regras por completo, eles apenas conhecem as regras. Se questionados, diferenças de respostas passam a existir e até mesmo eles se contradizem, embora na hora do jogo, se entendam, seja por imitação do mais bem informado, seja por deixarem de lado os pontos que possam gerar dúvidas. Já as crianças do quarto estágio, conhecem as regras minuciosamente por ser seu principal interesse (PIAGET, 1932/1994 *apud* NOBLAT, 2006).

Em suma, Piaget (1932/1994 *apud* NOBLAT, 2006) afirma que a regra coletiva é de início algo exterior ao indivíduo e sagrada para ele. Depois, ela vai se interiorizando e aparece como resultado do consentimento mútuo e da consciência autônoma. Porém o sujeito não é uma tabua rasa onde somente as informações são depositadas. Ele obedece à regra por medo

de ser punido, mas quando ele percebe que pode dialogar com o adulto e que isso deve acontecer, ele mesmo se sente responsável pelas regras que interioriza e pelas regras que cria.

Segundo Puig (1998), Piaget considera três níveis de desenvolvimento moral: o nível pré-moral, heteronômico e autônomo. O primeiro nível se caracteriza por não haver obrigação de seguir as regras de determinado jogo; O segundo define-se pela obediência às normas e pela submissão por obrigação a uma autoridade, é resultado da coação do adulto sobre a criança; E no último nível, ou nível autônomo, o indivíduo respeita as regras e suas consequências, embora a obrigação seja através de relações recíprocas, ou seja, os indivíduos se consideram iguais e se respeitam reciprocamente. Para ele, os níveis propriamente morais são esses dois últimos, que possuem uma relação de sucessão entre eles, ou seja, a criança passa da moral heteronômica para a autônoma.

De acordo com Piaget (1996), a educação moral tem como objetivo principal construir personalidades autônomas e é por isso que a intervenção educativa deve estar centrada na passagem da moral heteronômica para a moral autônoma. Para que isso ocorra, os pequenos devem ter experiências que possibilitem o abandono da moral autoritária (moral heteronômica) para adotar uma moral de respeito mútuo e da autonomia (moral autônoma).

A coação moral é caracterizada pelo respeito unilateral, que é a origem da obrigação moral e do sentimento de dever, onde o bem é obedecer a ordem do adulto e o mal é transgredir essa ordem, gerando seres heterônomos. Porém, a relação da criança com os pais também é constituída de afeição, sendo o ponto de partida para que a criança entenda o que o bem é produto de cooperação.

Piaget (1932/1994 *apud* NOBLAT, 2006) relata que existem duas morais distintas nas crianças que são formadas sem estágios aparentes, a partir de processos formadores. O primeiro destes processos é a coação moral do adulto que resulta em heteronomia e no realismo moral. O segundo é a cooperação que irá resultar em autonomia. Entre os dois, existe uma fase de interiorização e de generalização das regras.

Entre a heteronomia e a autonomia, existe uma fase de interiorização e de generalização das regras e essa fase intermediária, para Piaget (1932/1994 *apud* NOBLAT, 2006), é quando a criança não obedece mais somente às ordens dos adultos, mas passa a obedecer a regra em si própria. A autonomia propriamente dita é alcançada a partir de um primeiro sinal de quando a criança descobre que a veracidade é necessária nas relações de

simpatia e respeito mútuo. A autonomia moral aparece quando a consciência considera como necessário um ideal, independente de qualquer intervenção exterior. Qualquer relação em que só haja necessidade de ter o respeito unilateral será uma relação que conduzirá a heteronomia. A autonomia só aparece com a reciprocidade, quando o respeito mútuo é forte, para que o indivíduo sinta a necessidade de tratar as pessoas como gostaria de ser tratado.

Portanto, uma criança com atitudes morais é aquela que enfrenta diversos tipos de questões que fazem parte do próprio mundo, levando em consideração suas próprias experiências. O conteúdo das questões morais vividas pelas crianças é diferente do conteúdo vivido pelo adulto, mas as questões básicas são as mesmas. A criança também se preocupa em tratar os outros da maneira como são tratadas. Assim como os adultos, elas buscam resolver situações de maneira correta. Por exemplo, elas defendem a participação igual quando a sala de aula está desarrumada e que todos devem cooperar na sua organização. Tudo isso é um processo e, portanto, as crianças enfrentam questões sobre o que acreditam ser bom e ruim. As crianças morais têm suas opiniões formadas e ouvem as opiniões dos outros, construindo seu senso moral a partir das experiências que vivem (DEVRIES E ZAN, 1998 *apud* NOBLAT, 2006).

Para Piaget (1932/1994 *apud* NOBLAT, 2006), os pais medianos são aqueles que usam a pedagogia da autoridade para que a criança enxergue que eles são superiores a ela e que querem que a criança erre para poder puni-la. Por mais que ela lute contra tais pressões, acaba sendo vencida, interiormente, por eles. Assim, essa criança não faz a separação do que é certo ou errado na atitude dos pais, não podendo julgá-los objetivamente dando a eles a razão. Provavelmente, quando adulta, ela será tão severa com seus filhos, como foram com ela. Pode-se ver que nesse sentido, o realismo moral é consolidado pela coação adulta.

Por fim, cabe dizer que presença do adulto na vida da criança é de suma importância para a construção de sua personalidade e sua moral desde que esta não seja coagida. A criança precisa ser ensinada a viver em sociedade e obedecer as suas leis e suas regras, caso o contrário ela se tornará um adulto frustrado. Os pais devem impor-lhes limites e dizer não quando necessário explicando, é claro, o motivo da decisão para que, desde a tenra idade, elas aprendam que, além delas, existem outras pessoas ao seu redor, em uma sociedade que pode não concordar com suas atitudes e opiniões. Uma criança moral certamente será um adulto moral, conforme a sociedade em que está inserido.

1.2 Kohlberg e o juízo moral

Embora os estudos realizados por Piaget com respeito ao desenvolvimento moral tenham trazido grande contribuição para a psicologia moral, foi Lawrence Kohlberg quem elaborou com maior precisão uma teoria do desenvolvimento do juízo moral. Sua idéia principal é que existe um desenvolvimento “natural” no pensamento moral que se dá em seis estágios sucessivos e universais, o que difere de Piaget com suas etapas “universais e regulares”, com base formal-cognitiva (PUIG, 1998, p.54).

Mesmo sendo considerado discípulo de Piaget, há discrepâncias nas ideias desses dois autores. Em primeiro lugar, Kohlberg utiliza o conceito de “estágio” a fim de definir o processo de amadurecimento moral, enquanto Piaget se limita a considerar etapas já que, para ele, o conceito de estágio não se aplica no âmbito da moral. Em segundo lugar, Piaget assinala duas etapas de desenvolvimento moral: a heteronômica e a autônoma, considerando que a última é atingida até os doze anos de idade. Kohlberg, contudo, estabelece seis estágios no desenvolvimento do juízo moral e considera que o sexto se completa, na melhor das hipóteses, ao redor dos vinte anos de idade. Por último, ambos possuem pensamentos divergentes na relação existente entre juízo e ação moral. Enquanto para Piaget a ação precede o juízo moral, Kohlberg considera que o juízo é anterior à ação e dá sentido a ela. Apesar das diferenças, o enfoque, a metodologia e os objetivos de ambos coincidem (PUIG, 1998, p.54).

Os estágios não se ocupam de normas concretas, mas de princípios gerais e de critérios de raciocínio. Estes princípios gerais podem ser considerados como conteúdos universais, pois segundo Kohlberg em todas as culturas podem ser encontrados os mesmos valores morais básicos e os mesmos estágios na direção de uma maturidade moral. Embora os diferentes ambientes produzam crenças específicas, nem por isso geram princípios morais básicos diferentes (PUIG, 1998, p.55).

Cada nível de juízo moral implica basicamente três aspectos: os modos gerais de definir o que é bom e de valorizar as situações; o tipo de razão que é utilizada para defender a percepção do “bom”; e a perspectiva social do estágio. Os níveis são: o pré-convencional, o convencional e o pós-convencional (PUIG, 1998, p. 56).

No nível pré-convencional, o sujeito ainda não tem a compreensão e a apreciação das regras morais e da autoridade, considera apenas os interesses das pessoas. No nível

convencional, o indivíduo emite juízos conforme as expectativas que o grupo tem sobre ele, sentir-se membro do grupo apresenta o tema moral. No nível pós-convencional, o indivíduo entende as regras da sociedade, mas não se limita a elas. O pensamento é regido por princípios e não por regras sociais, que são aceitas na medida em que estejam fundamentadas em princípios e valores gerais (PUIG, 1998, p. 56). A seguir, serão descritos os estágios morais definidos por Kohlberg.

Estágio 1. Moralidade heteronômica. Estende-se dos cinco aos oito anos de idade e nele, as crianças ainda não distinguem as características físicas, das morais ou psicológicas e por isso, o dano físico é o motivo que as leva a agir. As crianças obedecem às regras por medo de serem castigadas no caso de não o fazerem. Com isso, o dever está ligado à coerção física exercida pela autoridade (BICUDO, 1982; PUIG, 1998).

Estágio 2. Moral instrumental e individualista. O indivíduo age de modo a satisfazer suas próprias necessidades e está disposto a satisfazer os interesses dos demais, desde que haja algum benefício para ele. Entretanto, esse benefício não é resultado de lealdade ou solidariedade, e sim de reciprocidade. Por isso, deve-se seguir as regras conforme o interesse imediato de alguém. Neste estágio, encontram-se jovens entre oito e quatorze anos de idade (PUIG, 1998).

Estágio 3. Moral normativa interpessoal. Costuma aparecer na pré-adolescência ou na adolescência e pode prolongar-se por toda a vida. Os sujeitos neste estágio consideram que o comportamento correto é aquele que agrada aos demais e os ajuda, e pelo qual o sujeito acaba recebendo aprovação. A consciência, neste estágio, é explicitada mediante a percepção do julgamento que a outra pessoa realizou (BICUDO, 1982; PUIG, 1998).

Estágio 4. Moral de sistema social. Geralmente inicia-se na metade da adolescência e em muitos casos prolonga-se durante toda a vida. O indivíduo aqui tende a raciocinar em termos do que é bom para a sociedade, para todos, e a regra é vista como sendo uma resposta a preocupação que este tem para com seu universo imediato de relacionamentos pessoais. O comportamento correto consiste em cumprir o próprio dever e compromisso assumidos, além de respeitar a autoridade estabelecida e manter a ordem social dominante, porque é percebida como valiosa por si mesma (BICUDO, 1982; PUIG, 1998).

Estágio 5. Moral do contrato e dos direitos humanos. Surge nos últimos anos da adolescência e, para os indivíduos deste estágio, o comportamento correto deverá ter

presentes tanto os direitos humanos individuais e gerais que estão acima de qualquer outra consideração, como também as normas que se elaboraram criticamente e foram aceitas por toda a sociedade. A lei é tida como critério do certo, porque é percebida como necessária para uma ordem social (BICUDO, 1982; PUIG, 1998).

Estágio 6. Moral de princípios éticos universais. Segundo Kohlberg, um número muito reduzido de pessoas chega a este estágio e nunca o fazem antes do vinte anos. O correto para o indivíduo é realizar julgamentos segundo princípios éticos universais. Estes são abstratos e éticos e não regras concretas, como é o caso dos Dez Mandamentos. É fundamentado de acordo com princípios éticos auto-escolhidos pela consciência. A pessoa que se encontra neste estágio acredita no caráter sagrado da vida humana, o qual apresenta um valor universal de respeito pelo homem. Faz uma diferenciação entre o valor moral de um ser humano, como sendo objeto de valor, e o reconhecimento formal dos seus direitos (BICUDO, 1982; PUIG, 1998).

Os princípios éticos que são alcançados no fim do desenvolvimento do juízo moral referem-se ao conteúdo universal da justiça: a igualdade entre os seres humanos e o respeito à sua dignidade, liberdade e autonomia. Os princípios de justiça, segundo vários filósofos, demonstram que a justiça requer que seja considerado o ponto de vista de todas as pessoas implicada em uma situação e equilibrar tais perspectivas. Só assim há uma ação justa e correta e é só desse modo que as pessoas atendem plenamente, à necessidade moral de respeito aos demais. Portanto, seguir conforme sua consciência e guiar-se por princípios éticos auto-escolhidos de caráter universal, é agir de modo correto (PUIG, 1998).

Deste modo, pais e professores devem unir-se para educar e transmitir valores morais as suas crianças. Só assim será construída uma sociedade mais tolerante, justa, prudente, caridosa e respeitosa. Uma sociedade dos sonhos, na qual os valores humanos não serão esquecidos e a igualdade entre os povos será de caráter universal. Só assim serão formados cidadãos moralmente corretos em suas comunidades.

1.3 Educação de Valores

Outro fator importante na educação moral é a educação de valores. A questão moral de uma pessoa envolve todo um trabalho que é um processo que auxilia a pessoa a perceber os

valores que lhe são significativos e os que são importantes para o seu grupo e comunidade. A partir do momento em que ela percebe o que vale para ela como ser singular que difere dos demais, o seu entendimento a respeito dos valores grupais e princípios morais poderá ser aprofundado (BICUDO, 1982).

Os valores humanos consistem no conjunto de qualidades que distingue o ser humano um do outro independentemente de credo, raça, condição social ou religião (MESQUITA, 2003, p.21).

Para Bicudo (1982), a percepção clara dos valores para a pessoa é um elemento fundamental para a Educação Moral, embora esta não se constitua apenas nisto. Tal percepção torna possível que a pessoa se veja em relação aos valores que realmente experiênciam. Permite que ela possa vir a distinguir estes daqueles que são parte da cultura a que pertence e que não encontram eco no seu campo de vivências. Esta distinção é fundamental para que a pessoa se perceba como uma unidade.

O homem, pela sua configuração mental ou espiritual, não vive mergulhado num mundo tão-só de coisas materiais, como ocorre com os animais, mas num ambiente de valores, símbolos e sinais (MARTINELLI, 1996, p.14).

O “situar-se no mundo” envolve todo um processo de valoração e de avaliação em relação ao quais as ações do homem adquirem significado. Os valores interpenetram todos os campos de realizações das pessoas. Para os seres humanos, eles são manifestos nas suas ações. As ações do indivíduo se apresentam, então, por um lado, como a explicitação do valor por ele apreendido. Esta apreensão é fruto das suas experiências vividas e percebidas como significativas por aqueles que as realizam. Nesta vivência ocorre uma interação do indivíduo com o seu meio, no sentido de que sua ação é influenciada pelos valores daqueles com os quais interage. Tal influência se faz sentir à medida que ele, enquanto um EU, pode se tornar sensível a certos valores (BICUDO, 1982).

A apreensão dos valores dá-se de modo imediato nas experiências vividas e sentidas pelo indivíduo. Bicudo (1982) diz que a essência dos valores – expressões do querer, do gostar, do preferir – é dada na esfera emocional. É apreendida através do sentimento. A apreensão dos valores é dada no ato de *sentir* e não nos sentimentos entendidos enquanto vida sentimental. É com este significado que se fala em intuição pura dos sentimentos, da qual são eliminados os elementos da sensação.

Afirma ainda que, o sentir um interesse ou um desejo por algo é uma forma de relação direta com o próprio EU que está realizando tal experiência. O sentir os próprios sentimentos e não apenas a constatação da sua posse ou da sua experiência possibilita o acesso ao próprio EU. À medida que tal experiência se desenvolve torna-se possível, ao indivíduo, adquirir um nível cada vez mais alto de realização. Ele consegue, gradativamente, distinguir de modo mais claro, o que gosta do que não gosta. Há, assim, possibilidade de vir a fazer julgamentos de valores mais sábios e de tomar decisões mais firmes. Tal conhecimento é bastante significativo: impede indecisões ocasionadas por sentimentos ambíguos (BICUDO, 1982).

Os sentimentos variam muito, tanto em relação a uma mesma pessoa, como em relação a diferentes pessoas. Apresentam uma dinâmica bastante viva, cheia de energia. Transformam-se, cessam de existir ou dão existência a outros sentimentos, conforme a sua variação no tempo e no espaço e a expressão desses sentimentos varia entre as pessoas. Há aquelas que são mais apáticas, mais frias; há outras que são mais racionais, ou porque não são sensíveis às manifestações dos sentimentos, ou porque são passíveis de inibições; há as que são mais sensíveis, mais emotivas e abertas ao apelo do outro (BICUDO, 1982).

Deste modo, os sentimentos se constituem fatores básicos para a Educação Moral. O sentir das manifestações do querer, do gostar, do preferir, auxilia a pessoa a discernir o que realmente vale para ela. Isto facilita a percepção de si mesma com relação às suas escolhas morais. Desde modo, a Educação Moral deve se preocupar com os aspectos concernentes aos sentimentos, à medida que estes levam à percepção de valores. (BICUDO, 1982).

Há dois enfoques de levantamento bibliográfico sobre Educação de Valores: Análise de Valores e Clarificação de Valores (BICUDO, 1982).

Em Análise de Valores a palavra valor limita-se, segundo alguns estudiosos, a Julgamentos de Valor definidos como os que avaliam coisas com respeito ao seu merecimento, ou seja, os objetos podem ser avaliados de acordo com os valores segundo quais estão sendo assumidos. Esta avaliação varia conforme o ponto de vista que está sendo abordado, podendo este ser moral, estético, econômico, e assim por diante (BICUDO, 1982).

Já a Clarificação de Valores tem como objetivo ajudar o estudante a examinar seus padrões pessoais de comportamento e a realizar seus valores. Os estudiosos dessa área acreditam que um grande número de problemas que as crianças e jovens apresentam, problemas estes denominados comportamentais, são normalmente vistos como oriundos de

distúrbios emocionais embora, pudessem ser vistos como conseqüências de “distúrbios de valores” (BICUDO, 1982).

A Clarificação de Valores decorre do entendimento que seus autores possuem sobre valor. Eles admitem que as experiências vividas pelas pessoas deixam marcas, as quais tornam guias gerais para o comportamento – tais guias tendem a dar direção à vida e são chamadas de valores. Assim, diferentes experiências geram diferentes valores que são passíveis de serem modificados, pelo fato de uma única pessoa estar em processo contínuo de inter-relacionamento com o seu meio (BICUDO, 1982).

Bicudo (1982) conta que os estudiosos desse tipo de valor também enfocam o processo de valoração e não o seu resultado, que apresenta o valor já elaborado. Com isso, apontam três aspectos básicos à valoração. A escolha, a apreciação e a ação.

O processo de *escolha* é composto por características referentes à liberdade de *escolha* – que implica ausência de coerção; à *existência de alternativas*, para que a escolha se torne viável, pois nenhuma escolha poderia ser realizada sem, no mínimo, duas alternativas; e à *análise ponderada de conseqüências* que possam advir de cada alternativa. Isso significa que escolhas impulsivas, não pensadas, não refletem valores (BICUDO, 1982).

O processo de *apreciação*, por sua vez, é expresso pela apreciação e estima daquilo que é objeto de valoração. Conforme esta perspectiva, valores advêm das escolhas em relação às quais o indivíduo se sente feliz em tê-las realizado: ele as preza e aprecia. Outro aspecto importante de apreciação diz respeito à afirmação da escolha realizada, ou seja, quando esta é afirmada publicamente (BICUDO, 1982).

A valoração se caracteriza pela *repetição das escolhas* efetuadas. Quando o valor é genuíno, ele é manifesto em tudo o que se faz como, por exemplo, na economia de energia em certas circunstâncias para ser gasta em outras mais valoradas. O valor tende a reaparecer em várias ocasiões da vida de uma pessoa, apresentando-se pela sua existência, como um padrão do seu modo de existir (BICUDO, 1982).

Existem categorias que possuem uma relação com o valor chamada de *indicadores de valor*. Dentre elas tem-se:

- *Propósito*, no sentido de expectativa, serve como um objetivo no qual a pessoa organiza sua vida. Pode ou não ser visto como um valor.

Algumas vezes, *aspirações* também são vistas como um propósito remoto em termos de consecução em um tempo futuro;

- *Atitudes*, expressam o modo pelo qual algo é aceito ou rejeitado, se representar uma decisão ponderada, respeitada e que se mostra persistente em situações semelhantes apresentada em tempos diferentes;
- *Interesses*, expressando se se gosta de saber ou ter notícias sobre alguma coisa;
- *Sentimentos* sendo estes manifestação do que está ocorrendo internamente na pessoa. Alegria, depressão, tristeza, mágoa, excitação, revelam como ela está respondendo a uma situação;
- *Medos, problemas e obstáculos* quando não forem intensos, profundos e revelarem apenas uma certa preocupação com as coisas e
- *Crenças e convicções*, que são facilmente aceitas como valor. Entretanto, podem não ser quando as próprias pessoas que as afirmam não as vêem como algo digno de ser exposto publicamente, ou mesmo quando duvidam dos aspectos concernentes ao bem e à verdade que estão implícitos em tais crenças (BICUDO, 1982).

As crenças são proposições que, de uma maneira simples, afirmam ou negam uma relação entre dois objetos concretos ou abstratos, ou entre um objeto e algum possível atributo deste. Assim, põe-se de lado, por limitada, a interpretação de que crenças são declarações baseadas na fé. (KRÜGER, 1986)

Ressalta-se que a educação religiosa assumiu, durante muito tempo, a pedagogia de valores absolutos. Mas com o passar do tempo, houve uma alteração nesse sentido ao ponto da moral não ser influenciada apenas pelas crenças religiosas, mas também por toda uma cultura, sociedade e a estrutura social. Apesar disso, as religiões juntamente com seu ensino continuam sendo uma das crenças e convicções que mais possuem valores na sociedade. E é, por esse motivo, que a educação religiosa será estudada a seguir.

CAPÍTULO 2

2. Educação Religiosa

A educação religiosa origina alguns aspectos na vida do homem desde sua infância como seu caráter, valores, grau de religiosidade e facilidade em enfrentar problemas durante sua vida, hábitos bons ou ruins e o senso de responsabilidade (MILEANT, Bispo Alexander. Educação Religiosa das Crianças).¹

A educação compreende mais que conhecimento de livros, inclui não somente a disciplina mental, mas aquele cultivo que garante a sã moral e o correto comportamento (WHITE, Ellen. Conselhos sobre Educação).²

A verdadeira educação não desconhece o valor dos conhecimentos científicos ou aquisições literárias; mas acima da instrução aprecia a capacidade, acima da capacidade a bondade, e acima das aquisições intelectuais o caráter. O mundo não necessita tanto de homens de grande intelecto, como de nobre caráter. Necessita de homens cuja habilidade é dirigida por princípios firmes (WHITE, 1997).

A sociedade vive, hoje em dia, em um mundo extremamente capitalista, no qual o dinheiro é uma das prioridades do ser humano. As pessoas passam a maior parte do dia trabalhando para poder ganhar cada vez mais dinheiro a fim de comprar. Muitas delas, infelizmente, esquecem de passar tempo com suas famílias, seus filhos, maridos ou esposas, deixando de ensinar-lhes valores essenciais para a formação de seus pensamentos e suas personalidades como indivíduos. Acima de todos os valores está o caráter, por construir um indivíduo com princípios nobres e por ensinar valores morais aos homens.

¹ Disponível em: < http://www.fatheralexander.org/booklets/portuguese/children_p.htm>. Acesso em: 25 de janeiro de 2013.

² Disponível em: <<http://www.ellenwhitebooks.com>>. Acesso em: 25 de janeiro de 2013.

Segundo Mileant¹, quando encontramos pessoas que não tiveram uma infância feliz, as quais não possuem lembranças que alimentam e aquecem o indivíduo em momentos difíceis da vida, sentimos suas almas marcadas pela impressão de dolorosas feridas.

A ausência da educação religiosa na infância seguramente se faz sentir no caráter do indivíduo: no conjunto espiritual deste indivíduo, percebem-se rupturas notórias. A criança é extraordinariamente susceptível às impressões religiosas: ela se envolve instintivamente a tudo aquilo que divulga a beleza e o sentido do mundo ao redor. Tire isto da criança — e sua alma ficará fosca; ela ficará num mundo vazio com seus pequenos interesses cotidianos. Algo similar acontece também com o corpo: se esta criança vive num ambiente úmido e sombrio, ela cresce pálida e doentia, sem forças e sem alegria em seu corpo mal desenvolvido. Em ambos os casos, a culpa do não desenvolvimento e das doenças (da alma ou corpo), recai sobre os pais. (MILEANT, Bispo Alexander. Educação Religiosa das Crianças. Em:

<http://www.fatheralexander.org/booklets/portuguese/children_p.htm>)

A Bíblia, em Provérbios 22:6, instrui aos pais ou responsáveis a seguinte frase: “Ensina a criança o caminho que deve andar e ainda quando for velho, não se desviará dele.”

Mileant¹ justifica essa frase ao dizer que em uma adolescência turbulenta, a fé em Deus fica frágil e a pessoa acaba se afastando da religião e da igreja sem, pelo visto, nenhuma esperança de retornar. Acontece que Deus nunca esquece se seus filhos, fazendo com que em algum momento de sua vida Ele toque em seu coração. Quando ocorre um abalo em sua vida, o indivíduo acaba reconhecendo sua insignificância e suas limitações, começando então a refletir sobre sua existência. Então, as impressões e instruções de sua infância revivem com nova força fazendo com que ele retorne para Deus. Assim, as lembranças santificadas dos tempos de infância, ajudam a encontrar a sua meta e objetivo de vida. Portanto, é de extrema importância que os pais se esforcem para alicerçar em seus filhos os fundamentos espirituais

¹ Disponível em: < http://www.fatheralexander.org/booklets/portuguese/children_p.htm >. Acesso em: 25 de janeiro de 2013.

porque quando forem adultos, os filhos darão valor ao esforço dos pais e lhes serão gratos pelo resto da vida.

Educação é diferente de instrução. Educar é o processo do fundamento espiritual e moral da criação e instruir, é visto como processo do desenvolvimento da capacidade mental da criança (MILEANT, Bispo Alexander. Educação Religiosa das Crianças.)¹

O Estado, preocupado com os interesses da população brasileira, elaborou o PCNER - Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Religioso – com o objetivo de sustentar a substituição do artigo 33 da LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional brasileira- que versa sobre o ensino religioso nas escolas públicas. Trata-se de uma proposta inovadora para o ensino religioso que tem como principal característica a mudança do ensino religioso do campo religioso para o campo secular. Apresenta essa modalidade de ensino com caráter científico, epistemológico destituído de proselitismo (ARNAUT DE TOLEDO, Cézar; AMARAL, Tânia. Análise dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino religioso nas escolas públicas, p.4.)²

O Art. 33 diz que:

Art. 33. o ensino religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo.

§ 1º os sistemas de ensino regulamentarão os procedimentos para a definição dos conteúdos do ensino religioso e estabelecerão as normas para a habilitação e admissão dos professores.

§ 2º os sistemas de ensino ouvirão entidade civil, constituída pelas diferentes denominações religiosas, para a definição dos conteúdos do ensino religioso.

¹ Disponível em: <http://www.fatheralexander.org/booklets/portuguese/children_p.htm>. Acesso em: 25 de janeiro de 2013.

² Disponível em: <<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/viewFile/1248/1060>>. Acesso em: 28 de fevereiro de 2013.

Ou seja, o Estado acredita que o ensino religioso é uma área de conhecimento que faz parte da formação básica de um cidadão brasileiro, por isso tem como obrigação fornecê-lo como disciplina nas escolas públicas de educação, sendo que sua matrícula é opcional. Pelo fato do Brasil ser um país democrático, é válido ressaltar que não está sendo imposta uma cultura religiosa específica e sim que é assegurado a todos o respeito à diversidade. Por isso, no Brasil existem vários tipos de religiões, não há uma dita como certa ou verdadeira, mas cada indivíduo crê naquela que mais se assemelha a suas vivências culturais, individuais e espirituais.

O esplendor da Verdade é único, embora apareça de maneiras diferentes, refletindo nos vários costumes, mitos, credos, rituais e manifestações da espiritualidade e criatividade humana. Não podemos julgar culturas segundo os nossos padrões se quisermos compreendê-las e avaliá-las amplamente. É preciso estar aberto para aprender com as diferenças, respeitando-as, enxergando sem distorções preconcebidas a expressão das várias culturas e religiões. Todos os seres humanos têm medos, dúvidas e necessidades espirituais e físicas; assim, só uma aliança entre eles permite a revelação dos mistérios da vida. A religiosidade permeia todas as maneiras de encontrar a essência da Verdade em todas as coisas visíveis. Ela não separa, unifica. O que nos afasta dela é a ignorância, o medo e o egoísmo arrogante (MARTINELLI, 1996, p. 48).

É interessante que haja esse interesse do Estado pelo ensino religioso, pois segundo Martinelli (1996), a prática de disciplinas espirituais junto com os estudos formais é fundamental. A religiosidade deve ser desenvolvida, assim como a humildade e o comprometimento com os valores humanos para o fortalecimento do caráter, da sociedade e do país.

Mesquita (2003) também expõe sobre esse assunto ao falar que a escola não deve ser simplesmente o lugar que recebe o aluno e cumula-o de informações. Ela tem que ser encarada como a segunda casa, pois independente da estrutura ou da beleza, precisa ser um espaço onde as crianças tenham oportunidade de se revelar por meio de seus dons como seres humanos. Tudo deve ser preparado para que o aluno se sinta acolhido, propiciando a interação de aluno professor.

Jamais a educação cumprirá tudo aquilo que pode e deve, antes que a importância da obra dos pais seja completamente reconhecida, e recebam eles o preparo para as suas sagradas

responsabilidades (WHITE, 1997), ou seja, as famílias juntamente com a escola, devem ensinar às crianças a como viver em sociedade.

A família é o núcleo formador do caráter e os pais, avós, tios e irmãos mais velhos são exemplos vivos para a educação da criança. Se desejarem ter uma família harmoniosa, devem ser harmônicos; se desejarem ter amor precisam amar. Os filhos, amigos, parentes e a sociedade se beneficiarão se essa consciência de que o comportamento diante da vida resume-se na educação transmitida às crianças (MARTINELLI, 1996).

A educação cristã tem como objetivo dar direção espiritual à criança, para que ela consiga seguir o caminho certo na vida. Para isso é preciso que ela, desde a tenra infância, possua integridade interior para distinguir a diferença entre o bem e o mal. Portanto, a época mais importante para a educação da alma é a tenra idade. Propriamente, na infância forma-se o mundo moral do homem. Entre seis e sete anos, a alma da criança é como se fosse de barro, com o qual se pode modelar sua futura personalidade. Depois desta idade as principais características já se formaram e modificá-las torna-se quase impossível (MILEANT, Bispo Alexander. Educação Religiosa das Crianças.)¹

Para aqueles que duvidam da força religiosa das crianças apenas anotamos o seguinte: a fé em Deus não foi inventada pelas pessoas; ela nasce junto com elas. É por isso que ela é acessível e compreensível por todos independente de suas idades e desenvolvimento mental. Qualquer ser, desde o mais humilde e ignorante ao maior estudioso e intelectual, pode crer em Deus. Cada fiel compreende e experimenta sua fé à medida de sua capacidade, e à medida que a pessoa se desenvolve — cresce e se aprofunda sua idéia sobre Deus. (MILEANT, Bispo Alexander. Educação Religiosa das Crianças.

Em:<http://www.fatheralexander.org/booklets/portuguese/children_p.htm>)

Comparando o método de educação religiosa com outros que excluem a fé cristã, observa-se no segundo uma constante frequência de gritos, pancadas, sermões longos e enfadonhos os quais não tocam os sentimentos da criança; outro extremo é a indisciplina e

¹ Disponível em:< http://www.fatheralexander.org/booklets/portuguese/children_p.htm>. Acesso em: 25 de janeiro de 2013.

relaxamento desenfreados. Tudo isto apenas mutila a criança. Talvez seja esta educação tão diferente o motivo de crianças de várias famílias se diferenciarem umas das outras: umas — são carinhosas, confiantes, piedosas com os outros e sensíveis a tudo que é bom. Outras crianças, ao contrário, são sombrias, desconfiadas, insensíveis com os outros e impetuosas em seus anseios. Uma educação apenas na aparência exterior priva a criança das mais valiosas qualidades (MILEANT, Bispo Alexander. Educação Religiosa das Crianças.)¹

Martinelli (1996, p.71) concorda com Mileant ao ressaltar que o cultivo ao respeito e à consideração aos semelhantes desperta o bom comportamento da criança como indivíduo. Pais tendem a se apropriar do filho como objeto e por isso não se detêm nas manifestações da personalidade esboçadas pelas atitudes e emoções da criança. Para Piaget (1932/1994 *apud* NOBLAT, 2006), esses são os pais medianos, mencionados no capítulo anterior.

Por outro lado, o afeto insensato e o medo de errar resultam muitas vezes em liberdade indiscriminada. Ambas as condutas são fruto do despreparo para a convivência e para o exercício do amor. As virtudes humanas devem ser alimentadas na criança para que ela possa experimentar a alegria de sua vivência (MARTINELLI, 1996, p.71).

O relacionamento baseado no medo exclui o respeito e a compreensão e acaba por existir apenas formalmente – é uma adaptação para ser aceito e amado, por parte da criança. Assim, a necessidade de ser bem-comportado e conveniente substitui a expressão natural da ludicidade da criança. A compreensão dos atos e sentimentos dela não significa enfraquecimento da autoridade dos pais; ao contrário, revela aproximação entre pais e filhos. Encorajar amorosamente a criança a ser independente, ter iniciativa, autoconfiança e percepção de si mesma e dos outros, além de estruturar a base da personalidade, melhora as relações familiares e a comunicação com o mundo (MARTINELLI, 1996).

A ascendência dos pais sobre a criança é muito importante, e a eles pertence a responsabilidade de moldar o caráter do filho. Na realidade, os pais são a primeira referência que a criança tem para compor sua personalidade e seu padrão de comportamento. A consciência de que o amor não é sinal de permissividade é de grande importância nessa formação. Por isso, a disciplina, de acordo com a faixa etária da criança, deve tornar-se cada vez mais firme, porém amorosa, para que ela possa crescer segura e corretamente. Há que

¹ Disponível em:< http://www.fatheralexander.org/booklets/portuguese/children_p.htm>. Acesso em: 25 de janeiro de 2013.

lembrar, no entanto, que disciplina não é sinônimo de rigidez. Os pais devem falar de forma gentil, sem demonstrar raiva (MESQUITA, 2003).

Para tanto, pais, parentes e professores devem congregarem-se e manter um comportamento harmônico para que possam transmitir verdade e segurança à criança como, por exemplo, vigiar a própria conduta e palavras e procurar seguir os conselhos dos mais sábios (MARTINELLI, 1996).

As crianças e jovens sob os cuidados do professor diferem largamente em disposição, hábitos e educação. Alguns não têm nenhum propósito definido e nem princípios fixos por terem sido mimados ou pouco educados em casa, por isso precisam ser despertados para suas responsabilidades e possibilidades. Para estes caracteres deformados serem remodelados o trabalho, na maioria dos casos, deverá ser feito pelo professor. Para que cumpra com existo, este deve ter simpatia e intuição para descobrir a causa das faltas e erros em seus alunos. Deve ter também o tato e a habilidade, a paciência e a firmeza, que o habilitem a comunicar a cada um o auxílio necessitado: ao comodista, a assistência que seja um estímulo para o esforço, ao desanimado, simpatia a apreciação que criem confiança e assim inspirem diligência. (WHITE, 1997)

Ainda segundo White (1997), os professores que manifestam pouca simpatia e ternura, e demasiada dignidade de um juiz áspero, não mantêm uma relação social suficiente com seus alunos. Ele deve ser firme e decidido, mas não opressor e ditatorial. Ser áspero e tratá-los indiferente correspondem a uma passagem fechada que poderia influir neles para bem.

O professor deve constantemente ter como objetivo a simplicidade e a eficiência. Deve amplamente ensinar por meio de ilustrações; e mesmo tratando com alunos mais velhos, cumpre ter o cuidado de tornar claras e evidentes todas as explicações. Muitos alunos adiantados em idade são crianças no entendimento (WHITE, 1997).

A responsabilidade do professor é grande e deve ser encarada como um sacerdócio. Cabe a ele ser vigilante e sábio para que o coração da criança seja tocado com todo o cuidado. O tratamento dado às crianças deve temperar amor e disciplina, compreensão e firmeza, sem perder de vista a necessidade de analisar e acompanhar cada aluno individualmente. O professor deve promover o bem-estar na sala de aula, mantendo ali um clima amoroso e evitando as recriminações. Se falhar na função de iluminar, muitos naufragarão. Somente a chama de uma lamparina pode acender outras chamas. (MESQUITA, 2003, p.95)

Desde novinhos, as crianças devem aprender que o princípio da cooperação é inestimável. Devem ser ensinados a participar dos afazeres domésticos diários, para entender o quão necessário e apreciado é o seu auxílio. A cooperação deve ser o espírito das salas de aula, o professor que a consegue terá um grande auxílio na manutenção da ordem. (WHITE, 1997)

Como já mencionado, a família é a primeira referência para compor a personalidade e o comportamento que as crianças possuem, mas a escola também interfere nesse aspecto. O professor deve ser amigo dos alunos, ensinando a educação formal e moral a eles sempre com disciplina e respeito, dando a eles sempre exemplos pessoais.

Para Mileant¹, certamente em qualquer tipo de educação, principalmente a religiosa, a maior influência parte não de palavras soltas ou de punições, mas sim dos exemplos pessoais. O comportamento das pessoas mais próximas da criança é o que influencia cada dia e hora em sua alma. As crianças têm contato com dois grupos de pessoas: sua própria família e outros de fora — colegas de escola, vizinhos, amiguinhos e simplesmente com "a rua." Enquanto a família se esforça para dar bons exemplos às suas crianças, os colegas, amigos, vizinhos e "a rua" freqüentemente as influenciam de forma negativa. Porém isto não significa que seja necessário proibir à criança qualquer contato com o mundo lá fora: tal situação criaria para ela um isolamento artificial do meio ambiente e a privaria da preparação necessária para a vida. Somente é preciso prestar atenção para que a criança tenha amizades, principalmente com amigos positivos e ligados ao cristianismo e para que a influência familiar predomine nas influências alheias.

A igreja ensina que a criança desde a tenra idade deve diferenciar o justo e injusto, o que se deve e o que não se deve fazer. Sobre os pais repousa a obrigação de dirigir suas atitudes, preparando a criança para uma vida independente, e esta preparação deve ser iniciada o mais cedo possível. Aos dez e doze anos, já será tarde corrigir as falhas, as quais se desenvolveram em decorrência de uma educação negligente na tenra idade (MILEANT, Bispo Alexander. Educação Religiosa das Crianças.)¹

Nas palavras de Mesquita (2003, p.98):

¹ Disponível em: < http://www.fatheralexander.org/booklets/portuguese/children_p.htm>. Acesso em: 25 de janeiro de 2013.

É desejável que todo ser humano compreenda e respeite seus pais, orgulhe-se de seu país e de sua cultura. Do estudante, espera-se que cultive o espírito de consideração, a lealdade e a harmonia. Que desenvolva bons modos em toda e qualquer circunstância, seja em casa, seja na escola, seja na sociedade. Que realize tarefas com amor e sinceridade e tenha respeito pelos mais velhos e por todas as formas de devoção a Deus. Que, em seu comportamento social, oriente-se pelo senso da moralidade. Que desenvolva a gratidão, a tolerância e a compaixão pelos menos favorecidos, que é uma qualidade fundamental. Cabe ao estudante trabalhar para que sua vida seja significativa e exemplar para a sociedade, pois um passo mal dado na juventude causará grande desajuste no futuro. É importante que desenvolva o desejo de servir, seja qual for a carreira escolhida, e que jamais abandone a fé em Deus. Deus é verdade. Nenhum título acadêmico terá validade se a ele não forem agregados amor, boas qualidades e intenções. O estudante de hoje é o mestre de amanhã.

Os alunos hoje são o futuro da sociedade amanhã, por isso é de extrema importância que a educação desses jovens envolva respeito mútuo, carinho, harmonia e lealdade. A religião é um fator essencial para a construção da moral de um indivíduo, por isso as crianças devem andar nos caminhos de Deus e seguir seus princípios.

CAPÍTULO 3

METODOLOGIA

Este capítulo apresentará os caminhos metodológicos que direcionaram meu trabalho monográfico, apresentando brevemente suas características e efetivação quanto ao instrumento utilizado, partindo da proposta de investigar se a educação religiosa contribui para o desenvolvimento da moralidade em crianças de sete a nove anos de idade.

3.1. Abordagem da pesquisa

A pesquisa realizada neste trabalho foi fundamentada na abordagem qualitativa, pois segundo Bogdan e Biklen (1982 *apud* LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A, 1986, p.11-12) “a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento”, na qual o pesquisador mantém contato direto com o ambiente e a situação que está sendo investigada. E também, “o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador, ou seja, na pesquisa qualitativa há sempre uma tentativa de capturar a “perspectiva dos participantes”, isto é, a maneira como os informantes encaram as questões estão sendo focalizadas, considerando os diferentes pontos de vista dos participantes.

Pode-ser definir pesquisa como o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos. (GIL, 2011, p. 26)

Para tanto, a metodologia utilizada foi descritiva, pois conforme Gil (2011, p.28) “As pesquisas deste tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de

determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações variáveis. [...] São incluídas neste grupo as pesquisas que têm por objetivo levantar as opiniões, atitudes e crenças de uma população.” E interpretativa, pelo fato de que a pesquisadora interpretou os dados observados e colhidos conforme o embasamento teórico a respeito do tema. Para Gil (2011, p.156), “a interpretação tem como objetivo a procura do sentido mais amplo das respostas, o que é feito mediante sua ligação a outros conhecimentos anteriormente obtidos.”

Para a coleta de dados, a técnica utilizada foi a de observação participante. Para Gil (2011, p.102) “a observação participante, ou observação ativa, consiste na participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada. Neste caso, o observador assume, pelo menos até certo ponto, o papel de um membro do grupo. Daí por que se pode definir observação participante como a técnica pela qual se chega ao conhecimento da vida de um grupo a partir do interior dele mesmo.” Procurou-se observar a relação entre a educação religiosa, a educação moral e a prática pedagógica.

A opção pela observação participante decorreu da minha proximidade com a igreja e seus os membros, o que possibilitou maior interação e envolvimento com o campo de pesquisa. A convivência, todos os sábados, com os participantes da pesquisa em seu ambiente natural possibilitou perceber as relações estabelecidas e as influências diárias sobre as crianças.

Utilizaram-se também como instrumento de pesquisa três roteiros de entrevistas semi-estruturadas ou segundo Gil (2011, p.112), entrevistas por pautas. Pois de acordo com esse autor “a entrevista por pautas apresenta certo grau de estruturação, já que se guia por uma relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando ao longo de seu curso. [...] O entrevistador faz poucas perguntas diretas e deixa o entrevistado falar livremente à medida que refere às pautas assinadas. Quando este se afasta delas, o entrevistador intervém, embora de maneira suficientemente sutil, para preservar a espontaneidade do processo.”

Com as crianças foram utilizadas as entrevistas em grupo e com os adultos, individuais. Para Gil (2011, p. 114), “essas entrevistas são muito utilizadas em estudos exploratórios, com o propósito de proporcionar melhor compreensão do problema, gerar hipóteses e fornecer elementos para a construção de instrumentos de coleta de dados. Mas também podem ser utilizadas para investigar um tema em profundidade, como ocorre nas pesquisas designadas como qualitativas.” As entrevistas em grupo, ainda segundo esse autor, “é conduzida pelo pesquisador, que atua como moderador [...]. De modo geral, o moderador

inicia a reunião com a apresentação dos objetivos da pesquisa e das regras para participação. O assunto é introduzido com uma questão genérica, que vai sendo detalhada até que o moderador perceba que os dados necessários foram obtidos.”

No primeiro momento, foram coletadas informações que traçassem o perfil dos participantes com três questões fechadas e seis abertas e posteriormente, cinco questões abertas foram questionadas a fim de saber a relação entre a educação religiosa e a moral para pais e professores. Das perguntas relacionadas às crianças, apenas uma era fechada e o restante, abertas.

“Nas questões abertas solicita-se aos respondentes para que ofereçam suas próprias respostas. [...] Este tipo de questão possibilita ampla liberdade de resposta. Mas nem sempre as respostas oferecidas são relevantes para as intenções do pesquisador.” (Gil, 2011, p.122). E nas questões fechadas, para esse mesmo autor:

pede-se aos respondentes para que escolham uma alternativa dentre as que são apresentadas numa lista. [...] Este procedimento contribui não apenas para a definição de um número razoável de alternativas plausíveis, mas também para redigi-las de maneira coerente com o universo discursivo dos respondentes.

Portanto, optou-se por esse tipo de instrumento nesta pesquisa por considerar mais adequado para a obtenção dos dados.

3.2. O campo da Pesquisa

Ressalta-se neste trabalho “o respeito à diversidade religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo” (LDB, art. 33) e, por esse fato, optou-se por um recorte de pesquisa na escolha de uma instituição cristã localizada em Brasília, no Distrito Federal. Ela tem como missão comunicar a todas as pessoas o evangelho eterno do amor de Deus, revelado por Jesus Cristo em Sua vida, morte e ressurreição. Para ser considerado membro da igreja, a pessoa deve ser publicamente aceita pelo batismo, confissão de fé, aprender e entender a Bíblia de acordo com as crenças bíblicas daquela religião.

Para eles, a família é o grupo responsável pelo desenvolvimento e descobertas dos indivíduos, na qual todos desenvolvem a capacidade de respeitar, valorizar, compartilhar, ser leais e verdadeiros, ou seja, os valores se desenvolvem nela. A família deve ser um lugar em que o amor deve ser repartido, onde as pessoas vivam em uma atmosfera de paz, apesar de qualquer situação.

Sua educação busca desenvolver uma vida de fé em Deus e de respeito pela dignidade de todos os seres humanos. Além disso, visa identificar um caráter semelhante ao do Criador, estimular pensadores ao invés de levá-los a serem meros refletores dos pensamentos de outros e promover o serviço de amor em lugar da ambição.

A igreja possui um ministério próprio para crianças e adolescentes, que provê atividades e projetos que motivam os menores no amor a Deus e ao próximo, nesse período fundamental da vida. Um desses projetos é chamado de Escola Sabatina, que é um dos principais sistemas de educação e capacitação religiosa da igreja. Tem como meta atender aos membros da igreja e não-membros que semanalmente comparecem à Escola Sabatina, ajudando-os a conhecer melhor os ensinamentos bíblicos e os princípios da igreja.

Ela possui um programa sistemático e progressivo para estudar a Bíblia, os Guias de Estudo da Bíblia para a Escola Sabatina, ou seja, os membros em todo o mundo semanalmente estudam os mesmos temas, com lições específicas para cada faixa etária, desde os recém-nascidos, passando pelo jardim da infância, primários, juvenis, adolescentes, jovens e adultos. A cada sábado pela manhã, os membros e não-membros se reúnem para recapitular o tema que foi estudado durante a semana. Desta forma, cada um pode contribuir com sua experiência cristã, procurando atender às necessidades físicas, sociais e espirituais uns dos outros.

Durante a Escola Sabatina, também é apresentado um relatório das atividades missionárias de alguma parte do mundo em que a igreja desenvolve suas atividades de evangelização. É conhecida como o “coração da igreja”, por integrar os aspectos da confraternização, aprendizado e missão.

A Escola Sabatina é desempenhada no colégio dessa mesma instituição, o colégio é acoplado com a igreja, ou seja, todos têm acesso às salas de aula e à estrutura da escola assim como da igreja. As salas de aula são espaçosas, com boa iluminação e ventilação.

O espaço físico da sala que as crianças observadas frequentavam estava em bom estado de conservação e higiene, localizado no segundo andar do colégio. Havia cadeiras unidas com as mesas e algumas cadeiras de plástico com almofadas, todas de tamanho apropriado para as crianças. Esses assentos ficavam em volta de um tapete localizado no centro da sala. Havia um mural, feito de cartolinas e bem enfeitado, o qual a professora colocava a data de aniversário das crianças. Tinha também outro mural feito de TNT, ocupando toda a parede em frente às cadeiras, no qual a professora colocava fotos e imagens do país que iria receber a oferta daquele semestre. Em frente ao mural de TNT, tinha uma mesa com uns desenhos coloridos de papelão, que a professora anotava, em todos os sábados, o valor total da oferta naquele dia para que no final do semestre, eles somassem e verificassem se havia atingindo o alvo. Em outra parede, havia um quadro branco no qual a professora anotava suas considerações sobre as atividades que seriam realizadas no dia. Ao lado desse quadro branco, havia uma estante com portas que a professora guardava seu material e os prêmios das crianças.

Por tanto, as observações se deram na Escola Sabatina dos primários, composta por crianças de sete a nove anos de idade. Vale ressaltar que em todos os sábados observados, o número total de crianças na sala de aula era desigual, pois algumas faltavam e outras eram visitas de outras igrejas.

3.3. Procedimento

A seguir serão apresentados os procedimentos da pesquisa que foi realizada em duas etapas: observações e entrevistas.

3.3.1. Observações

As observações foram realizadas aos sábados, no período de 8 de dezembro de 2012 a 5 de janeiro de 2013, ao longo de uma hora. Nesses dias, o primeiro culto começa às 8:30 e termina às 10:20, para que às 10:30 a Escola Sabatina comece a fim de terminar as 11:30

iniciando assim, o segundo culto que vai até 12:30. Geralmente, as famílias vão ao primeiro culto, depois à Escola Sabatina para assim, irem para a casa. Mas tem aquelas que preferem ir à Escola Sabatina e depois ao culto, por isso o fato de existirem dois cultos na igreja.

No primeiro dia de observação, cheguei antes de acabar o primeiro culto a fim de conversar com a professora a respeito da minha observação. Encontrei uma colega no portão da igreja e pedi que me ajudasse a encontrar a sala de aula. Ela me orientou onde era e segui imediatamente para lá. Encontrei duas mulheres na porta, uma loira e uma morena e me apresentei brevemente perguntando qual delas era a professora dos primários. A morena disse ser ela e então, entramos na sala de aula para expor os motivos de eu estar ali. Disse a ela onde estudava e que estava fazendo meu Trabalho de Conclusão de Curso cuja temática era a influência da educação religiosa na construção da moralidade na infância e que, por isso, gostaria de fazer algumas observações em sua turma para verificar se realmente a religião influenciava no desenvolvimento da moral nas crianças. Muito simpática, ela concordou dizendo que eu poderia começar imediatamente. Agradei sua colaboração e sentei em uma das cadeiras ao fundo da sala enquanto a educadora terminava de arrumar a sala.

Depois, as crianças foram chegando à sala e ela ficou à porta para dar boas-vindas perguntando como foi a semana e pediu para que elas se acomodassem em suas cadeiras.

Quando todos já estavam em sala de aula, perguntou quem havia decorado o verso bíblico. As crianças que levantaram as mãos dirigiram-se à professora loira, que era sua auxiliar, para dizer o verso. A criança que decorava o verso certinho recebia um adesivo em seu diário e, no final do semestre, ganhava um prêmio àquela que mais havia acertado os versos para decorar. Quando todos já haviam retornado aos seus lugares, a professora me apresentou à turma dizendo que eu era a nova assistente e as crianças adoraram.

Após, a professora deu início à aula pedindo para que a turma contasse quantas crianças estavam presentes, eram ao total vinte crianças, dentre elas treze eram meninas e sete meninos. Após a contagem, pediu para que uma delas fizesse a oração inicial.

Em seguida, a professora contou a história da Carta Missionária que falava sobre uma menina, chamada Amanda, que morava no Amazonas e que começara a frequentar a igreja por ter visto um folheto que estava na porta de sua casa. Convidou sua mãe para ir, mas só depois de muito tempo ela aceitou. No final, elas se batizaram e entraram para o Clube de Desbravadores a fim de falar sobre Jesus para as outras pessoas. Quando as crianças se

dispersavam, ela fazia algumas perguntas sobre a história para que elas prestassem atenção novamente. No final, as crianças aprenderam que falar sobre Jesus para as outras pessoas conhecerem o seu amor e doando suas ofertas para a cidade de Amanda para que muitos saibam que Jesus as ama.

Então, a professora perguntou quem havia levado a oferta, a Bíblia e a lição para a classe. As crianças que levaram todos os três ficaram em pé no centro da sala e ganharam um número. A professora fez o sorteio no qual tirava alguma bolas de dentro de uma caixa, dizia se o número era par ou ímpar, e então falava qual número havia sorteado. Fez o sorteio duas vezes e as crianças que ganharam, receberam um prêmio no final da aula.

Na hora do recolhimento das ofertas, a professora colocou a música da apresentação de natal que as crianças iriam apresentar no sábado seguinte, para que as crianças ensaiassem. Enquanto um dos alunos recolhia a oferta dos outros colegas, ela foi escrevendo palavras soltas - Anjo, Jesus, Salvador, Belém, Pastores, Alegria, Louvor, Gratidão e Manjedoura - no quadro branco.

Após a oração pela oferta, ela dividiu a turma em quatro grupos com cinco crianças cada e deu um saquinho para cada grupo. Dentro, havia letras do alfabeto e ela disse que essas letras formavam as palavras do quadro. Com isso, disse que daria cinco minutos para que os grupos montassem as palavras e o grupo que ganhasse, no final, receberia um doce.

Depois perguntou quem havia estudado a lição bíblica da semana, mais da metade da turma respondeu que sim e então, abriram a lição “Anjos Mensageiros”, que falava sobre adoração. A história era sobre o Anjo Gabriel que visitou os pastores para contar sobre o nascimento de Jesus. Eles ficaram com medo ao apreciarem o Anjo que os acalmou e disse onde encontrariam o bebê então, os pastores decidiam ir conhecer Jesus.

Em seguida, a professora escolheu três meninos e três meninas para que fizessem uma cara de medo, por causa da reação dos pastores ao verem o Anjo Gabriel. A turma votou na criança que fez a melhor careta e esta, no final, também ganhou um prêmio.

A assistente então reuniu a turma no centro da sala, e pediu para que sentassem em círculo. Colocou uma caixa de sapato na mão de uma das crianças e pediu para que elas passassem entre si enquanto uma música tocava, quando esta parou, a criança que ficara com a caixa na mão respondeu uma das perguntas sobre a história da lição bíblica que estava dentro da caixa. Os alunos que acertaram as perguntas também ganharam um prêmio assim

como os outros. O prêmio podia ser um doce ou uma lembrança, como livros religiosos, canetas, brinquedos entre outros.

Por último, todas as crianças que haviam sido sorteadas no dia receberam seus prêmios e fizeram a oração de saída.

Os outros dias observados seguiram mesma ordem cronológica, a professora dava boas-vindas; perguntava quem havia decorado o verso bíblico; fazia a oração; contava a história da carta missionária; depois perguntava quem havia levado a oferta, a Bíblia e a lição para a classe; fazia o sorteio; recolhia as ofertas e fazia a oração em agradecimento; fazia então a brincadeira antes ou depois da lição bíblica; fazia a brincadeira com a caixa de sapato e por último, a oração final. A ordem era a mesma, embora as histórias e as brincadeiras fossem diferentes.

3.3.2. Entrevistas

No sábado após o término das observações, fui à igreja a fim de fazer a entrevista com as crianças, os pais e professores. Primeiramente fiz a entrevista em grupo com quatro crianças, todas do sexo feminino, por serem as únicas presentes na classe naquele dia. A princípio, o propósito era de fazer a entrevista individual, pelo fato das crianças explanarem seus pensamentos subjetivos a respeito do tema, sem a influência das outras. Mas, como o fator tempo era curto e as crianças já estavam cansadas do culto e da Escola Sabatina, resolvi então fazê-las em grupo.

Primeiramente, expliquei a elas o motivo da entrevista e que gostaria da colaboração delas em respondê-la. Elas se prontificaram e então, sentamos nas cadeiras em círculo para que eu pudesse ouvir todas as respostas, contando também com a presença de dois pais e da professora. No início, perguntei a idade de cada uma e após, fiz as seguintes perguntas: Você gosta das aulas da Escola Sabatina? Por quê?, O que você aprende lá?, Do que você mais gosta das aulas? E o que menos gosta e Por quê?, Você acha que as aulas contribuem pro seu aprendizado da Bíblia?, Vocês sabem o que é moral? Se sim, você considera que as aulas da Escola Sabatina contribuem para o desenvolvimento da sua moral? De que maneira? As que não sabiam o que era moral, eu expliquei e depois pedi que respondessem a última pergunta.

Durante a entrevista as crianças se dispersavam dizendo estarem cansadas e que queriam ir embora, o que foi uma das limitações que tive para as análises das entrevistas, pois algumas não responderam as questões indagadas.

Com os adultos, as entrevistas foram realizadas com quatro pais e quatro professores. Todas foram obtidas individualmente, nas quais algumas foram gravadas e outras respondidas por escrito, conforme a preferência de cada um. No primeiro momento, foram coletados dados que traçassem o perfil dos participantes com três perguntas fechadas (sexo, se possuíam filhos e se os pais eram da mesma religião) e seis perguntas abertas (idade, ocupação, quantidade de filhos, renda familiar aproximada, há quanto pertenciam àquela religião e caso fosse professor de alguma classe bíblica, há quanto tempo ministrava as aulas. Em seguida, foram questionadas as seguintes perguntas abertas: Para você, o que é moral?; Em sua opinião, há diferença de atitudes e comportamento entre crianças que vão e as que não vão à igreja? Quais e Por quê?; Para você, quais são as principais pessoas ou instituições que ensinam os valores morais às crianças? Por quê?; A seu ver, quais são os indicadores (atitudes, comportamentos) da moral de uma pessoa?; e Você considera que a educação religiosa favorece o desenvolvimento da moral? Por quê?.

O próximo capítulo irá trazer a análise dos dados obtidos nas observações e nas entrevistas. Valendo ressaltar que aos pais e professores foi apresentado o termo de consentimento livre e esclarecido.

CAPÍTULO 4

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Os dados apresentados inicialmente são referentes às análises das observações realizadas na Escola Sabatina, posteriormente serão expostos os dados das entrevistas com as crianças, professores e pais, sucessivamente.

4.1. Análise das Observações

Durante todos os dias observados, percebi o carinho que a professora tinha pelas crianças. Sempre paciente, ela estava disposta a responder as perguntas dos alunos e ensiná-los mais a respeito das histórias bíblicas e principalmente, sobre Deus. Suas atitudes condizem com a autora Mesquita (2003, p.95), que fala que o tratamento do professor dado às crianças deve temperar amor e disciplina, compreensão e firmeza, sem perder de vista a necessidade de analisar e acompanhar cada aluno individualmente.

Em todas as Escolas Sábatinas da igreja, as pessoas são estimuladas a fazerem suas orações sendo estas individuais ou em grupos, contribuindo para aproximação espiritual delas com Deus.

Para incentivar as ofertas pecuniárias, a professora contava a história da carta missionária, mostrando as dificuldades dos participantes da história e como conseguiram realizar seus sonhos quando se aproximaram mais de Deus. As crianças assim puderam perceber o quanto Deus ajuda a quem gosta e quer ficar com Ele.

A lição bíblica se reportava sempre aos ensinamentos bíblicos, sempre com um cunho moral. Com isso as crianças aprendiam, observando as atitudes das pessoas, a se comportarem conforme os mandamentos de Deus.

As crianças participavam das brincadeiras propostas pela professora, sempre respeitando as regras e seus colegas. Podemos observar aqui, que elas se encontram no último nível de desenvolvimento moral conforme Piaget, chamado nível autônomo, onde o indivíduo

respeita as regras e suas consequências, embora a obrigação seja através de relações recíprocas, ou seja, os indivíduos se consideram iguais e se respeitam reciprocamente (PUIG, 1998).

O fato das crianças respeitarem as regras das brincadeiras possibilita a construção do desenvolvimento moral de cada um deles, pois segundo Piaget (1994, p.23), toda moral consiste num sistema de regras, e a essência de toda moralidade deve ser procurada no respeito que o indivíduo adquire por essas regras.

O acontecimento que mais me chamou atenção nas observações foi de que em todas as atividades com as crianças, a professora dava uma premiação, podendo ser esta um doce ou uma pequena lembrança, geralmente com temas religiosos. Para conseguirem esse prêmio, as crianças prestavam atenção nas aulas e se voluntariavam a fazer parte das brincadeiras.

De acordo com Skinner (2003), essa premiação pode ser vista como um estímulo reforçador, um reforço. Este pode ser denominado reforço positivo quando há a apresentação de estímulos, no acréscimo de alguma coisa, como um doce, ou reforço negativo quando consiste em sua remoção. Deste modo, provocando o condicionamento.

A aplicação prática do condicionamento operante requer frequentemente um levantamento dos eventos que reforçam um dado indivíduo. Em todos os campos em que o comportamento humano figura com proeminência – educação, governo, família, clínica, indústria, arte, literatura, e assim por diante – estamos constantemente mudando probabilidades de resposta ao arranjar as consequências reforçadoras [...]. Para ensinar uma criança a ler, a cantar, a jogar eficazmente um jogo, precisamos elaborar um programa de reforços educacionais no qual as respostas adequadas sejam “recompensadas” frequentemente (SKINNER, 2003, p.83).

Após certo tempo com esse reforço primário, ele passa a se tornar condicionado. Muitas vezes é importante, para controlar o comportamento com finalidades práticas, encontrar uma série de eventos que preencham o espaço entre um ato e o reforço primário inicial. Na educação encontramos técnicas que criam reforçadores condicionados apropriados, com efeito de dar aos alunos um “sentimento de realização” ou melhorando seu “moral”,

reconstruindo seu “interesse” ou removendo ou evitando “desânimo” (SKINNER, 2003, p.80).

Ou seja, como estratégia de aprendizagem das crianças, a professora reforça a participação dos alunos com uma premiação para que elas participem das atividades e aprendam mais sobre a Bíblia. Ela espera que, após certo tempo, as crianças participem das atividades da igreja de forma espontânea, sem precisar de recompensa para isso. Embora seja apenas um incentivo na participação, não quer dizer que elas se voluntariam nas brincadeiras porque querem ou gostam de estar ali e sim, porque querem ganhar o prêmio.

4.2. Análise das entrevistas com as crianças

No dia das entrevistas, apenas cinco (5) crianças comparecem à Escola Sabatina pelo fato de muitas famílias terem viajado e/ou ser um dia chuvoso. Portanto, a entrevista foi feita em grupo com quatro (4) crianças do sexo feminino das quais duas (2) tinham sete anos de idade, uma criança oito e a outra, nove anos de idade.

A primeira pergunta questionava se elas gostavam da Escola Sabatina e por que, duas (2) meninas responderam que não gostavam. Uma disse que era pelo fato de ter que acordar cedo e a outra criança por ser muito cansativo por já ter que ir ao culto antes. O restante disse que gostava sem explicar o motivo.

Nota-se que nas respostas negativas, as crianças disseram que “acordar cedo” e “ser muito cansativo” indicam que elas vão ao culto e à escola sabatina por decisão dos pais e não por vontade própria, contudo não questionam a eles o motivo de estarem ali.

A segunda pergunta queria saber o que elas aprendiam na Escola Sabatina. Apenas uma criança respondeu que era sobre Deus e sobre as histórias bíblicas, enquanto as outras apenas concordaram com a colega, sem dizerem mais nada.

Na terceira questão, a indagação era sobre o que elas mais gostavam na Escola Sabatina. Uma disse que gostava das brincadeiras e outra gostava apenas dos prêmios, enquanto a terceira menina disse que gostava dos dois, das brincadeiras e dos prêmios. Apenas uma respondeu diferente dizendo gostar das histórias bíblicas que aprendia ali.

Quando questionadas sobre o que menos gostavam, elas pensaram por um tempo e uma delas respondeu que não gostava de ficar quieta e logo outras duas concordaram. Apenas uma, disse que não tinha nada que não gostasse.

É possível perceber nas respostas das crianças que, muitas vezes, elas vão à igreja porque seus pais os professores dizem ser importante para elas irem, ou seja, não fazem o que realmente querem e sim o que eles querem que elas façam. Podemos perceber aqui o Estágio 2 de Kohlberg (*apud* PUIG, 1998) chamado de moral instrumental e individualista, como já visto anteriormente no qual, o indivíduo age de modo a satisfazer suas próprias necessidades e está disposto a satisfazer os interesses dos demais, desde que haja algum benefício para ele, que nesse caso, era a premiação recebida pela participação nas atividades.

Quando questionadas se as aulas da Escola Sabatina contribuía para seus aprendizados a respeito da Bíblia, todas responderam que sim e que além de aprenderem nas aulas, aprendiam também no culto.

Antes da última questão, perguntei se elas sabiam o que era moral. Uma disse que não sabia, enquanto duas disseram saber, embora não conseguissem explicar e a outra questionou se era a moral de alguma história. Expliquei então o que é moral e fiz a última pergunta que questionava se as aulas da Escola Sabatina contribuía para o desenvolvimento da moral de cada uma, todas disseram que sim, embora uma delas não saber o motivo da influência. Outra disse que aprendia muito sobre Deus, a Bíblia e suas histórias, além de como se comportar, o que para ela, influenciava em sua moral. A terceira concordou dizendo que na classe ela aprendia a obedecer mais aos pais, na historinha daquele dia, e por fim, a última disse que “nas historinhas a gente aprende sempre em primeiro lugar sobre Jesus e isso influencia na nossa moral porque Jesus sempre está conosco.”

Através dessa entrevista, foi possível perceber que a educação religiosa ensina às crianças histórias bíblicas que possuem um cunho moral, mas nem sempre essas histórias realmente influenciam no desenvolvimento dessas crianças, pois para elas, ir à igreja, ir à classe sabatina e participar das brincadeiras é o certo e o correto a ser feito. Muitas delas ficavam dispersas, conversavam com as outras, levantavam de suas cadeiras sem realmente prestarem atenção nas aulas, pelo fato de estarem apenas cumprindo a obrigação que os pais deram a elas. Por isso é importante que primeiramente, a família instrua a criança os valores humanos que deve seguir para que juntamente com a religião, ela entenda o real motivo de ir à igreja.

4.3. Análise das entrevistas com os professores

As primeiras perguntas da entrevistas foram feitas para traçar o perfil dos participantes. Quatro (4) professores, de classes bíblicas diferentes na igreja, foram entrevistados, sendo eles três do sexo masculino, José¹, Carlos e Daniel e uma, Joana, do sexo feminino com 48 anos de idade. Dos homens, apenas dois (2) responderam suas idades, 45 e 53 anos. Quanto à ocupação, um era controlador de vôlei, outro autônomo, e a Joana disse ser servidora pública da área administrativa da Secretaria de Educação do Distrito Federal e José não respondeu. Quando questionada a quantidade de filhos, todos os participantes disseram ter dois (2) filhos cada um, sem informar o sexo. A respeito da renda familiar aproximada, Daniel disse ser de dez mil reais e Joana de cinco mil reais, e os outros dois participantes não responderam.

A próxima pergunta questionava o quanto tempo em que eles pertenciam àquela religião, José disse estar a 50 anos, Carlos há 45 anos, Daniel há 41 e Joana disse que pertencia há 34 anos. Os homens responderam que os pais também são da mesma opção religiosa enquanto a mulher disse que apenas a mãe era da mesma religião que a dela. A última pergunta queria saber a quanto tempo eles ministravam aulas nas Escolas Sabatinas da igreja, José disse que ministrava aulas há 25 anos, Carlos há 8 anos, Daniel há 41 e Joana há 30 anos aproximadamente.

Após traçado o perfil dos participantes, iniciou-se as questões abertas das entrevistas. A primeira pergunta indagava o que era moral, na opinião de cada um. José, Carlos e Joana disseram que, para eles, moral é respeitar os próprios valores e os dos outros. Joana acrescentou dizendo que estes valores são determinados pelas leis e pela sociedade, além de dizer também que “é um conjunto de valores e normas que nos dá a noção do que é certo ou errado”. Daniel também disse que a moral vem de conceitos de certo e errado, conceitos de bom e de mal. Acrescentou dizendo que “moralidade é característica de quem tem bom comportamento de conformidade com a comunidade que se vive. Na Bíblia, moral significa estar de acordo com os 10 mandamentos, que é a lei moral de Deus.” O que condiz com os pensamentos de PUIG (1998) ao dizer que a educação moral deve inserir os indivíduos na

¹ Os nomes relatados na pesquisa referem-se a nomes fictícios a fim de preservar o anonimato dos participantes.

coletividade que pertencem. A formação moral é um processo mediante o qual os sujeitos recebem da sociedade o sistema de valores e normas vigentes.

Quando questionados se existe diferença nas atitudes e comportamentos entre crianças que vão e que não vão à igreja, todos disseram que há. José e Daniel responderam que crianças educadas na igreja respeitam e ouvem os mais velhos, e que são mais educadas. Daniel acrescenta dizendo que elas recebem os conceitos de certo e errado e sobre a origem do mal, como este surgiu e suas conseqüências que, para ele, são alguns dos motivos da diferença de atitudes. Carlos também diz sobre esses conceitos de certo e errado, ao falar que “a educação religiosa instrui a criança para uma eternidade. A que não é religiosa, ensina a criança para diversões desse mundo (bebedeira, drogas)”.

Ainda na mesma pergunta, Joana respondeu a questão dizendo que “as crianças que frequentam a igreja têm uma noção maior do que pode e não pode ser feito com relação às questões espirituais. Como por exemplo, o ato de orar e falar com Deus. Mesmo ao pedir ou agradecer ela está reconhecendo que há um ser maior em quem pode confiar e repartir suas preocupações. Ao passo que uma criança que não vai a igreja não aprende a orar e a ter essa segurança de que tem alguém que pode ajudá-la. Pode aprender também, sobre as conseqüências dos seus atos. Por exemplo, ao mentir para a mãe, o que isso representa para Deus, para a mãe e para si mesma. Uma criança fora da igreja até sabe que mentir é errado, mas não sabe as conseqüências disso para Deus e pensa que uma mentirinha não faz mal desde que não dê errado no final, está tudo bem. A igreja tenta estimular as crianças a se preocuparem com as questões de ajuda ao próximo, a servir, a não pegar o que não seu, a obediência a Deus, pais e professores também incentivam a questão da alimentação saudável, se preocupam com o que elas estão assistindo na TV. Para uma criança que não vai à igreja, estas questões são trabalhadas em sala de aula e em casa, não tendo o reforço que a igreja pode dar.”

Mileant (Em: <http://www.fatheralexander.org/booklets/portuguese/children_p.htm>), disse que, mesmo se a criança educada nos princípios religiosos se afastar de Deus, suas lembranças santificadas dos tempos de infância ajudam a encontrar a sua meta e objetivo de vida. Portanto, é válido ressaltar que não é a igreja que transforma unicamente as atitudes e os comportamentos de uma criança. Há a extrema importância de que os pais se esforcem para alicerçar em seus filhos os fundamentos espirituais porque quando forem adultos, os filhos darão valor ao esforço dos pais e lhes serão gratos pelo resto da vida.

A terceira questão perguntava quais eram as pessoas e/ou instituições que ensinavam valores morais as crianças. Para José, os pais e a igreja, juntamente com seus líderes e educadores, ensinam esses valores se estes forem religiosamente educados e vivem como tal. Joana também concorda com José acrescentando a escola como outra instituição responsável, pois para ela “tudo começa em casa, são os pais que têm a responsabilidade maior de ensinar os valores morais a seus filhos. Mas, muitas vezes eles querem deixar esta parte com a escola, achando apenas que os professores devem ensinar os valores a seus filhos dentro de uma sala de aula. E a igreja vem para complementar reforçando os ensinamentos dentro da Palavra de Deus que é o nosso manual”. Carlos disse ser apenas a família responsável por ensinar esses valores e Daniel disse que as pessoas e as instituições que crêem e ensinam os conceitos morais de Deus é que ensinam esses valores às crianças.

A quarta questão perguntava quais são as atitudes e comportamentos de uma pessoa moral. José disse que uma pessoa moral reconhece seus direitos e deveres e viver como tal. Daniel disse que a maneira de falar, de se vestir, de se relacionar com outras pessoas, incluindo os locais que frequenta e ainda os alimentos que consome, são indicadores se uma pessoa tem ou não moral. Para Carlos, a pessoa moral é amorosa, cortez, ajuda, hospitaleira e possui sentimento e na visão de Joana, a moral está baseada nos bons costumes ou se está certo com a sociedade, como por exemplo, ser correto nos negócios, ser casado com uma única pessoa, pagar seus impostos, etc.

Ou seja, agir-se de acordo com as regras, quando se as entendeu e se sabe por que foram aceitas, é expressão de uma escolha moral. Isso significa que a resposta moral exige o conhecimento das causas externas do comportamento, dos códigos morais vigentes no ambiente no qual se vive e que fazem parte da sua realidade (BICUDO, 1982, p.17).

É interessante analisarmos a fala de Daniel quando diz que as vestimentas e os alimentos também determinam a moral de uma pessoa. Vale ressaltar que nenhum autor citado levantou que esse tipo de conduta interfira no conceito de moralidade de um indivíduo. Nota-se que para Daniel, uma pessoa que não use roupas e não ingira alimentos que seus princípios religiosos aceitem, não possui uma conduta moralmente aceita por ele. Os princípios dessa igreja atendem a uma determinada crença religiosa e a um determinado modelo de sociedade, cabe ressaltar que esse é um padrão adotado por todas as religiões.

A última pergunta questionava se a educação religiosa favorecia no desenvolvimento da moral, todos responderam que sim. Para Carlos, Joana e José, a educação religiosa

preocupa-se em ensinar os princípios de Deus, incluindo suas regras e leis. Com isso, as pessoas aprendem a viver com elas mesmas e com os próximos, com atitudes condizentes às de Jesus Cristo. Daniel termina sua entrevista dizendo o seguinte: “Absolutamente sim! Porque eu me vejo diferente de outros homens quando pratico o que aprendi na igreja, na leitura da Bíblia e de livros com conceitos de Deus, porém, quando não os pratico fico como a maioria, com os mesmos comportamentos e atitudes contrários a moral e a ética de Deus”. Para os entrevistados, a moral está relacionada aos princípios religiosos.

Mileant (Em: <http://www.fatheralexander.org/booklets/portuguese/children_p.htm>), diz que a educação cristã tem como objetivo dar direção espiritual à criança para que ela consiga seguir o caminho certo na vida. O que condiz com as respostas dos entrevistados, pois para eles a moral está relacionada aos princípios de Deus, respeitando suas regras e leis.

4.4. Análise das entrevistas com os pais

As entrevistas com os pais seguiram o mesmo roteiro das com os professores, primeiramente com questões que traçassem o perfil dos entrevistados e depois com perguntas abertas.

Foram entrevistados quatro (4) pais, dentre eles três (3) mães, Maria, Ana e Letícia, e um (1) pai, Antônio¹. Maria com 31 anos de idade, Ana com 47, Letícia com 53 e Antônio com 27 anos. Quanto a profissão de cada um, Maria cuidava dos filhos, Ana era professora de letras português Letícia, jornalista e Antônio, programador. Maria tinha dois filhos, Letícia quatro e Ana e Antônio, tinham um filho cada. A renda familiar dos participantes era de sete mil reais aproximadamente. Maria e Antônio pertenciam àquela religião desde que nasceram já Ana pertencia há dois, e Letícia quatro anos. Os pais de Maria e Antônio também pertenciam à mesma religião, já os de Ana e Letícia, não.

A primeira questão aberta perguntava o que era moral na opinião de cada um. Todos responderam que a moral está ligada a bons princípios e bons valores. Ana acrescentou dizendo que é saber discernir o que é certo do errado, bom de ruim, resposta parecida com a dos professores Joana e Daniel.

¹ Os nomes relatados na pesquisa referem-se a nomes fictícios a fim de preservar o anonimato dos participantes.

A próxima pergunta questionava se existe diferença de atitudes e comportamentos entre crianças que vão e que não vão à igreja, todos disseram que sim e que quando as crianças temem a Deus os seus comportamentos são diferentes. Ana disse o seguinte: “há muita diferença, sim. Eu já estive em sala de aula e nas crianças que possuem alguma religião existe nelas um temor. Elas tentam ver que existe o Papai do Céu e que Ele gosta de pessoas que não mentem, obedecem aos pais, as tias. Então assim, existe esse temor e existe um Deus que ama, as crianças acabam fazendo essa comparação com o pai e a mãe. Já as crianças que não tem religião são mais agressivas, são pessoas que tanto faz se estão fazendo bagunça, desrespeitando... então elas não têm temor a ninguém. Elas são mais confiantes, as que temem a Deus, não sei se é por causa das músicas sobre Deus que elas cantam, gesticulam, são mais soltas, se expressam melhor do que a criança que não tem uma religião.” E Maria concordou ao dizer que “Uma criança que desde pequena aprende amar a Jesus, aprende sobre o comportamento dele (bondoso, humilde, amável...) e seus ensinamentos tendem a ser diferente!”

A resposta de Ana concorda com o pensamento de Mileant (Em: <http://www.fatheralexander.org/booklets/portuguese/children_p.htm>), quando diz que em métodos familiares que excluem a fé, observa-se uma constante frequência brigas, gritos, desrespeitos, sermões longos e grosseiros os quais não tocam os sentimentos da criança. Talvez seja esta educação tão diferente o motivo de crianças de várias famílias se diferenciarem umas das outras: umas — são carinhosas, confiantes, piedosas com os outros e sensíveis a tudo que é bom. Outras crianças, ao contrário, são sombrias, desconfiadas, insensíveis com os outros e impetuosas em seus anseios. Ou seja, famílias que instruem suas crianças de acordo com o comportamento de Deus, conseqüentemente edificam crianças afetuosas e religiosas, já as famílias que não possuem nenhuma base religiosa, as crianças são mais fechadas e indiferentes.

Quando questionados a respeito das principais pessoas ou instituições que ensinam os valores morais às crianças, todos disseram que primeiramente são os pais, depois a escola e a igreja, concomitantemente. Antônio e Letícia disseram que a família somente influencia quando esta é unida. Ana também disse o mesmo, embora tenha acrescentado que, hoje em dia, a família é constituída de todas as pessoas que estão ao redor da criança, não sendo necessariamente as pessoas com laço de sangue. A respeito da religião, Ana disse algo muito interessante: “para mim a religião é uma coisa e a moral é outra. Moral todo mundo pode

passar, independente de religião”. E Maria falou com os pais e professores influenciam muito, pois “são as pessoas que mais convivem com a criança desde a infância.”

Em sua fala, Ana contradiz a resposta de Daniel, na entrevista passada. Para ela, a moral é construída, na criança, por todas as pessoas que estão ao seu redor. Não somente por membros da igreja. White (1997) diz que a educação jamais cumprirá tudo aquilo que pode e deve, antes que a importância da obra dos pais seja completamente reconhecida, e recebam eles o preparo para as suas sagradas responsabilidades, ou seja, as famílias juntamente com a escola e a igreja, devem ensinar às crianças a como viver em sociedade.

A próxima questão questionou quais as atitudes e comportamentos de uma pessoa moral. Maria e Antônio disseram que uma pessoa moral sabe discernir o certo do errado. Já Ana disse que pessoas que respeitam os outros, falam a verdade e não são egoístas tem atitudes morais e Letícia disse que uma pessoa moral tem responsabilidade pelos próprios atos, como elemento básico.

A última pergunta questionava no ponto de vista de cada um, se a educação religiosa favorecia o desenvolvimento da moral. Para Maria certamente favorecia, pois “ensina sobre a pessoa mais moral que já existiu que foi Jesus.” Letícia disse que sim, embora a família influenciasse mais pelo fato dos pais darem o exemplo aos seus filhos. Antônio também disse que sim, pois é na religião direciona a criança a ter boas atitudes e a amar o próximo como a ela mesma. E Ana deu a seguinte resposta: “Depende de como está sendo dada essa educação religiosa, pois se for um que está sendo dado baseado no medo, não faz isso porque papai do céu vai te castigar, não faz isso porque isso é pecado sem explicar o porquê ... então eu acho que esse tipo de religião não favorece em nada. Aí a criança começa a fazer as coisas baseada no medo, então quando ela for adulta e perder esse medo pra ela vai ser indiferente roubar e mentir. Agora quando a religião baseia o seu ensino no amor, amar o próximo, não pegar nada do outro porque ele vai sentir falta, porque você não gostaria que fizessem isso com você. Que o papai do céu te ama muito, que papai e mamãe e as pessoas que estão em volta também te amam muito ... se a religião repassar os ensinamentos baseados no amor influencia sim na moral da criança.”

Em sua resposta, Ana concorda com o pensamento de Piaget (1932/1994 *apud* NOBLAT, 2006), pois para ele os pais e professores que utilizam a pedagogia da autoridade para que a criança enxergue que eles são superiores a ela, são medianos. Por mais que ela lute contra tais pressões, acaba sendo vencida, interiormente, por eles. Assim, essa criança não

faz a separação do que é certo ou errado na atitude dos pais, não podendo julgá-los objetivamente dando a eles a razão. Ou seja, a educação religiosa somente influencia no desenvolvimento moral das crianças se este não for obrigado. As crianças devem aprender a gostar de ir à igreja e não irem forçadas pelos pais.

CAPÍTULO 5

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade em que vivemos está repleta de acontecimentos calamitosos. Muitas pessoas perdem suas vidas por motivos fúteis, dívidas pequenas ou, simplesmente, sem motivo algum. O mundo hoje gira em torno do capitalismo, no qual comprar é uma questão de “sobrevivência” e status. As pessoas estão se preocupando mais com suas aparências perante os outros do que com seus princípios e valores.

As crianças desde pequenas devem ser instruídas a terem seus valores morais desenvolvidos. A família, a primeira e mais importante instituição, deve ser o principal núcleo formador de caráter, pois as pessoas mais velhas são exemplos vivos para a educação da criança. Familiares que possuem condutas adequadas e respeitadas, certamente terão crianças com comportamentos exemplares. É evidente que as outras pessoas ao redor também influenciam na constituição dos valores, mas é a família que deve moldar a criança e viver e se comportar moralmente.

Este trabalho propôs investigar se a educação religiosa contribui para o desenvolvimento da moralidade em crianças de sete a nove anos de idade, objetivando identificar as estratégias utilizadas na educação religiosa para incentivar a aprendizagem das crianças e verificar quais pessoas e instituições que influenciam na construção dos valores morais nas crianças.

Quanto ao primeiro objetivo, observou-se que a estratégia de ensino utilizada pela professora baseava-se na teoria comportamental, utilizando reforços e recompensas para a obtenção de aprendizagens das crianças. Ressalta-se que essa estratégia era apenas um incentivo para a participação delas nas atividades e não punições, pois em nenhum momento a professora forçou as crianças a realizarem o que não queriam. As crianças disseram que gostavam da pedagogia lúdica baseada em jogos e prêmios, sem questionar seu conteúdo.

A família, a escola e a igreja são as principais instituições relatadas pelos entrevistados que influenciam na construção dos valores morais nas crianças contanto que trabalhem concomitantemente. A igreja com sua educação religiosa ensina as pessoas, desde pequenas, a conhecerem os mandamentos de Deus, que são mandamentos morais. Ela dá direção espiritual

às crianças para que quando grandes, saibam ter atitudes justas e corretas. A escola oferece todos os ensinamentos formais necessários para criança se torne um cidadão que cultive o espírito de consideração, seja responsável e honesto.

Se a família, a igreja e a escola estiverem em comum acordo a respeito da construção moral das crianças, futuramente o ser humano compreenderá que respeitar os pais, orgulhar-se de seu país e da sua cultura, são atitudes inerentes de uma pessoa moral. Que ter bons modos em toda e qualquer circunstância, seja em casa, na escola ou na sociedade é questão de educação. Que realizar todas as formas de devoção a Deus, é apenas uma maneira de agradecer tudo o que Ele nos dá. Que seu comportamento social deve orientar-se pelo senso da moralidade.

As pessoas serão mais gratas e a tolerantes, além de terem compaixão pelos menos favorecidos. Cabe ao estudante trabalhar para que sua vida seja significativa e exemplar para a sociedade, sem jamais abandonar a fé em Deus, pois um passo mal dado na juventude causará grande desajuste no futuro.

A educação religiosa influencia na construção de personalidades morais na infância, contanto que seja auxiliada pela família e pela sociedade. É necessária a construção de uma cultura de paz, na qual o respeito ao próximo seja o fator essencial para o seu desenvolvimento.

PERSPECTIVAS FUTURAS

A conclusão deste TCC e de minha graduação é o fechamento de mais uma etapa na minha vida. Formar-me em Pedagogia na tão conceituada e renomada Universidade de Brasília representa o fim de uma fase e o início de outras em que acredito que muitas portas irão se abrir.

Durante esses quatro anos que estive aqui, aprendi a valorizar e estimar cada vez mais a profissão de um pedagogo. Querendo ou não, todos nós passamos pela mão de um em nossa vida, principalmente nos anos iniciais de alfabetização ainda quando pequenos. Eles fazem uma diferença enorme na nossa trajetória, alguns marcam para sempre outros nem tanto, mas com certeza todos contribuíram para o nosso desenvolvimento e crescimento, e me ajudaram em mais essa conquista.

Embora todo esse apreço tenha aparecido, acredito que por enquanto não atuarei na área por ser, ainda, um campo pouco valorizado além de não ter surgido, em mim, um amor integral pela pedagogia. Minha perspectiva, no momento, é de passar em algum concurso público, para ganhar assim minha estabilidade financeira, mas sem descartar a possibilidade de tentar para algum disponível na minha área.

Pretendo também dar continuidade em minha formação, ampliando meus conhecimentos, primeiramente com uma especialização, depois um mestrado e posteriormente um doutorado. Mas todos em outra área que também me fascina, a psicologia. Apesar de ter tido a vontade de me formar nessa área, decidi que seria melhor fazer uma especialização em vez de outra graduação.

Enfim, são muitas minhas perspectivas e aspirações, mas todas só serão possíveis de serem realizadas com a presença de Deus na minha vida, pois sem Ele não teria conseguido chegar onde cheguei e nem mesmo poderia pensar em continuar prosseguindo.

REFERÊNCIAS

ARNAUT DE TOLEDO, César; AMARAL, Tânia. **Análise dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino religioso nas escolas públicas.** Em: <<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/viewFile/1248/1060>>. Acesso em: 28 de fevereiro de 2013.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **Fundamentos éticos da educação.** São Paulo: Cortez, 1982.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 2011.

KRÜGER, Helmuth. **Introdução à psicologia social.** São Paulo: EPU, 1986.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo : Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

LDB : **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional : lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.** – 6. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2011. 43 p. Em: <http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/2762/ldb_6ed.pdf?sequence=7>. Acesso em: 25 de janeiro de 2013.

MARTINELLI, Marilu. **Aulas de transformação – o programa de educação em valores humanos.** São Paulo: Peirópolis, 1996.

MESQUITA, Maria Fernanda Nogueira. **Valores humanos na educação: uma nova prática na sala de aula.** São Paulo: Editora Gente, 2003.

MILEANT, Bispo Alexander. **Educação Religiosa das Crianças.** Em: <http://www.fatheralexander.org/booklets/portuguese/children_p.htm>. Acesso em: 25 de janeiro de 2013.

NOBLAT, Sofia Scatrut. **O desenvolvimento do juízo moral segundo Jean Piaget.** Brasília – DF, Universidade de Brasília/ Faculdade de Educação (Trabalho Final de Curso), 2006.

PIAGET, Jean. **O juízo moral na criança.** São Paulo: Summus, 1994.

PIAGET, Jean. **Cinco estudos de educação moral.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

PUIG, Josep Maria. **A construção da personalidade moral.** São Paulo: Ática, 1998.

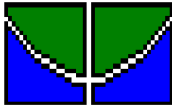
SKINNER, Burrhus Frederic. **Ciência e comportamento humano.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

WHITE, Ellen G. **Educação.** São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1997.

WHITE, Ellen. **Conselhos sobre educação.** Em: <<http://www.ellenwhitebooks.com>>. Acesso em: 25 de janeiro de 2013.

APÊNDICES

APÊNDICE 1



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

EU _____, RG, _____,
CPF: _____ autorizo a pesquisadora **Thaís Araújo Santos** estudante da Universidade de Brasília do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação, cujo projeto de pesquisa é denominado “*A Educação Religiosa no Desenvolvimento da Moral*”, sob orientação da Professora Dra. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira, a utilizar-se das informações obtidas na Entrevista, da qual participo, por meio de respostas escritas e/ou faladas, obedecendo aos critérios da ética de pesquisa, onde **está assegurado o total anonimato**.

Declaro-me ciente e concordo com o acima exposto.

Assinatura do Participante

/ /

Data

APÊNDICE 2

Prezado(a)(os) Professor (a) e Pais,

Eu, Thaís Araújo Santos, sou concluinte do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília e estou desenvolvendo uma pesquisa, em conjunto com a minha orientadora, professora Teresa Cristina S. Cerqueira, sobre a temática: “A INFLUÊNCIA DA EDUCAÇÃO RELIGIOSA NA CONSTRUÇÃO DA MORALIDADE NA INFÂNCIA.” Informo que não existe resposta certa ou errada e está assegurado o total anonimato das suas respostas de acordo com a ética da pesquisa científica. Solicito sua gentil colaboração respondendo o roteiro desta entrevista.

Agradecemos antecipadamente sua participação,

Thaís Araújo Santos

Teresa Cristina S. Cerqueira

Entrevista Professores(as) e Pais

Idade:

Sexo: MASCULINO () FEMININO ()

Ocupação:

Você tem filhos? SIM () NÃO () Se sim, quantos filhos?

Renda Familiar aproximada:

Há quanto tempo pertence a essa religião?

Seus pais pertencem a mesma religião que você? () SIM () NÃO

Se for professor de alguma classe, há quanto tempo ministra aula?

Para você, o que é moral?

Em sua opinião, há diferença de atitudes e comportamento entre crianças que vão e as que não vão à igreja? Quais e por quê?

Para você, quais são as principais pessoas ou instituições que ensinam os valores morais às crianças? Por quê?

A seu ver, quais são os indicadores (atitudes, comportamentos) da moral de uma pessoa?

Você considera que a educação religiosa favorece o desenvolvimento da moral? Por quê?

Entrevista Crianças

Idade:

Sexo: MASCULINO () FEMININO ()

Você gosta das aulas da Escola Sabatina? Por quê?

O que você aprende lá?

Do que você mais gosta das aulas? E o que menos gosta? Por quê?

Você acha que as aulas contribuem pro seu aprendizado da Bíblia?

Você considera que as aulas da Escola Sabatina contribuem para o desenvolvimento da sua moral? De que maneira?